

nos olhos, levallos hei ao monte santo, & na casa da oração os recrearei; porque nella acharão os Justos todos os prazeres que desejam: *Torrente voluptatis tuæ potabis eos*, diz David. Naquelle lugar, Senhor, lhes dareis a beber enchentes de vosso ineffavel gosto. Destes arroyos de prazer celestial, & deste rio de mel da oração não goza o peccador, que anda afastado da graça de Deos, pelo qual se entende aquillo de Job: *Non videat rivulos fluminis, torrentes mellis, & butyri*. O homem que para o bem he cego, não veja as agradaveis correntes do rio, nem as abundancias de mel, & manteiga, de que Deos enche a alma do Justo. He a oração hum favo fermosissimo, que distilla mel suavissimo, de que Deos diz à Alma Santa: *Favus distillans labia tua*, porque da bocca do que ora se distilla mel de sabor agradável a Deos, & tantas são as distillações deste mel, que cahem na bocca de Deos, quantas as vozes que se pronuncião com affecto da alma, & satisfeito Deos da doçura deste mel, diz à mesma alma: *Vox tua dulcis*. A vossa voz me fica sendo muito doce, as vossas palavras suavissimas, & quando na oração as ouço, tenho convite de mil sabores. Do mesmo modo he a oração aquella fita encarnada da cabeça da Pastora do Ceo, de que o Esposo Divino falando com ella diz: *Vita coccinea labia tua*. Semelhança de que usa para mostrar a força, valor, & graça da oração, que concerta, prende, & ata os cabellos da cabeça, como fita, a qual por isso se chama encarnada; porq̃ a oração fervorosa inflamma, & acêde a alma de divino amor, & caridade ardentissima, pondolhe diante dos olhos perfeições divinas, & merces celestiaes. E chama-se fita, porque prende à alma o habito da Fé, da esperança, & do temor de Deos: prende a caridade à humildade, quando considera a Christo humilde: prende a paciencia a essa caridade, quando medita em sua Morte, & Payxão. Prende deste modo todas as virtudes a mesma caridade, que he cabeça de todas ellas, com tal graça, & perfeição, que ficando a caridade fermosa,

&

& engraçada com tão rico enfeite, olhando para ella o Apóstolo S. Paulo, diz: *Charitas patiens est, benigna est, non æmulatur, non agit perperam, non inflatur.* A caridade está muito fermosa com a fita da oração em a cabeça, porque essa a faz parecer bella na paciencia, agradavel na condição, fermosa na bondade, modésta no procedimento, prompta para fazer a todos bem, & a ninguem mal. He mais a oração fita, porque recolhe, & prende os cuidados sobejos, entendidos nos cabellos; & para que não andem soltos, & espalhados, ata-os à cabeça, que he Christo nosso Deos, & Senhor: & ultimamente prende com a vontade do Justo todas as cousas criadas, & o mesmo Deos Creador dessas cousas. Prende as cousas criadas, porque com suas forças todas traz a si, & faz que obedeção a sua vontade. Orou Elias ao Ceo, que não desse agoa por muito tempo; bastou sua oração para prender o Ceo, que por muitos annos não chovesse. Orou Elias, & pedio ao Ceo que chovesse, eis que a oração de Elias traz a si nuvens carregadas de agoa, com que de repente cobrio a terra. Orou Josué, & pedio ao Sol que parasse, pára o Sol, & obedece à oração de Josué. Orou El-Rey Ezequias, & eis que sua oração faz tornar a sombra do Sol dez linhas atraz, o que como dizem os Doutores sagrados, não podia ser sem tornar atraz o movimento dos orbes celestes. Orou Eliseu, & com esta fita da oração trouxe a si do Ceo innumeraveis exercitos de Anjos. E com a mesma fita levou presos esquadrões del-Rey de Syria da Cidade de Dotaim até a de Samaria, donde sahirão os moradores a destruillos. Orão os Apóstolos em companhia da Virgem Maria Mãy de Jesu, & com esta fita da oração trouxerão a si o Espirito Santo, que desceo sobre elles em fôrma de fogo. Porém já esta fita da oração he mais forte, que se fora cadea de ferro. Perguntava Deos a Job, se teria elle força para tirar a Leviathan da agoa, & prendello com cordas, ou cadeas: *An extrahere poteris Leviathan hamo, & fune ligabis linguam ejus?* Dão a entender, que

1. Cor. 13

3. Reg. 17.

3. Reg. 11.

4. Reg. 20.

4. Reg. 6.

Act. 2.

Job 40.

Marc.

August.
Plutar.
Ovid.

Ex. 10.

Ex. 32.

que ninguem era tão forte, que tirasse ao demonio da lagoã infernal, aonde está, nem havia cadea tão grande, que o prendesse, & atasse. Mas depois que Deos veyo à terra para lançar della ao principe das trevas, ficou isso tão facil ao homem, q̃ com a fita da oração póde prender ao demonio, & atallo em cadeas de fogo; & não digo eu já com a fita da oração, mas com hum delicado, & subtil fio da oração. Esta força, & valor, que nella ha, deu o Senhor a entender naquellas palavras, que disse a seus sagrados Apostolos: *Hoc genus demoniorū in nullo potest ex ire nisi in oratione, & jejunio.* Se dizeis q̃ não podeis lançar o demonio do corpo deste homem, sabei que este genero de demonios só se prende, & ata com a fita da oração; só esta tem força para os lançar fóra. De Claudia Romana, donzella nobilissima, contão diversos Authores por grande prodigio, que para prova de sua pureza (que padecia infamia): estando hũa nao em secco, que mil homens a não pudérã mover, ella com hũa fita a trouxe a poz si. Pois se tal prodigio aconteceu a hũa donzella Gentia com hũa fita de seda, que atou à nao, que força, & que vigor não terá a fita da oração de hũa alma santa, para não trazer a si quanto quizer? Certamente que tudo lhe obedece quanto ha na terra, & no Ceo, aonde he mais para maravilhar, que o mesmo Deos, & Creador dos Ceos, obedece à oração, & se dà por vencido della. Estava muitas vezes Deos para com justas causas destruir o povo de Israel, punha-se Moyfes a orar, & via-se Deos tão impedido com a oração de Moyfes, para não ir avante, que lhe dizia: *Dimitte me, ut ira scatur furor meus.* Deixaime Moyfes, & não me ateis as mãos, para que eu deixe de castigar a este povo: deixaime com vossa oração, que esta me impede executar meu furor. Vós sois o que me fazeis grande força, vou para castigar, & não posso. Por fim vencia Moyfes, & assim lemos neste, & em outros lugares, que o Senhor se aquietava, & dimittia de sua ira: *Placatusque est Dominus, ne faceret malum, quod locutus fuerat.* Bem ad-
vertio

vertio esta força da oração de Moyses o Profeta Rey, quando diz: *Et dixit ut disperderet eos: si non Moyses electus ejus stetit in confractiōe ejus, & averteret iram ejus.* Bem determinava Deos destruir aos Israelitas, se Moyses seu escolhido não se pufesse de permeyo, com quebrar o idolo, que adoravão por Deos, & com lhe fazer notavel força com as armas da oração, para que os não destruiffe, & foi assim, que com ella venceo, & obrigou a que não executasse sua ira. E temos hum Deos tão bom, que quando està para fazer alguns castigos, espera que se lhe ponha alguem diante com as armas da oração, & o obriguem a não castigar. Disto se queixava por Ezequiel, dizendo que em algũas occasiões que houve de proceder com castigos, buscou quem se lhe pufesse diante a impedillo, & não o achãra. Busquei (diz elle) hum homem, que *Staret oppositus contra me pro terra, ne dissiparem eam, & non inveni.* Por isso a Alma Santa diz, que he muro, & castello, porque sendo dada à oração, & aproveitando-se destas armas para o que quer, fica sendo hũa torre inexpugnavel. Por isso a oração se chama cavallaria espiritual cõtra os inimigos da alma. Vinha Faraõ com innumeraveis exercitos para destruir o povo de Israel, põem-se diante delles a oração de Moyses feita a Deos, vence-os a todos, subvertendo-os no mar. Venha Lucifer com todas as furias do inferno, & tentações do mundo a guerrear o povo de Deos, ponha-se contra elle a oração de hum só Justo, & serà bastante para o destruir com todo seu poder, & manhas infernaes; porq̃ a oração faz as almas vittoriosas, & estas são as armas, com que se vencem os inimigos da alma. Com estas prevalecia David contra seus adversarios, & assim como outros Reys se valem de forças humanas, este santo Rey se valia das divinas, guarneendo dellas o seu campo; que a alma sem oração he como exercito sem vallo, como cidade sem muro, cercada de inimigos. E este he o presidio, que quem teme a Deos, ha de pòr em as

Ps. 105.

Ezec.

22.

Cant. 8.

Cant. 1.

Ex. 14.

virtudes que tem adquirido, oração para as conservar, & mais oração para as fortalecer; porque não basta ganhar a terra, para que esteja segura, senão que se lhe ha de pôr guarda, & presidio, que sustente o que está ganhado, como fez David em Syria, que depois de a conquistar, lhe poz presidio, em final, que não basta adquirir virtudes, se não houver conservallas com a fortaleza da oração. Estas são as armas, com que se alcançaõ illustres vittorias. E tem ellas esta differenea das armas do mundo, que o uso destas está só nas mãos dos que pelejaõ, ou sejaõ espadas, ou lanças; mas o uso das armas espirituales da oração está na bocca, & juntamente nas mãos: *Exaltationes Dei in gutture eorum, & gladii antipites in manibus eorum*, diz David; no que parece que nos dà a entender duas cousas; como he que os louvores de Deos, (que são as orações dos Justos) pronunciando se pela bocca, ficaõ sendo espadas de dous gumes nas mãos, para com ellas pelear, & vencer aos inimigos: ou tambem, que nesta guerra de cada dia ha mister oração em a bocca, & boas obras em as mãos. O Christão deve orar, & obrar bem, como o significou o Doutor das Gentes S. Paulo, dizendo: *Volo viros orare in omni loco, levantes manus puras*. Quero, & ordeno que os Fieis orem em todo lugar, com pureza de obras, que isto he orar com levantar mãos puras ao Ceo, & isto he ter espadas de dous gumes nas mãos, quando nellas se vem obras, & na bocca louvores de Deos. E estas são as mãos, que Moyfes levantava ao Ceo para vencer os inimigos, quando não sómente orava, mas juntamente levantava as mãos; porque a oração deve se acompanhar de boas obras. Estas são as espadas da oração, que tem nas mãos aquelles fortissimos varões, que rodeaõ o leito de Salamaõ: *Omnes tenentes gladium, & ad bella doctissimi*; porque aquelles que se chegaõ a Deos, & o cercaõ com santas meditações, sempre tem espadas

nas

nas mãos, que tem oração em a lingua, & entaõ são doutísimos, & muy aptos para as guerras do espirito, porque naõ tiraõ das mãos estas espadas: *Omnes tenentes gladium.*

Consideração terceira.

DIZ Santo Augustinho, que temos necessidade de *August.*
 orar huns pelos outros, & que mais depressa ouve Deos as orações de huns, que dos outros, porque differentemente lhe he aceita a oração do que vive, & obra bem, que do que naõ vive, & procede bem: *Orante homine probo nihil potentius*, diz Chrysoftomo, naõ ha cousa mais poderosa, que a oração de hum Justo. As nossas são *Chrysf.*
 frias, & muitas as cousas que as enfraquecem, & tiraõ o valor. E o mais certo he, que naõ sabemos orar como convem, sendo certo, que nos convem orar em todo tempo, como o encommendou o Filho de Deos: *Oportet orare, & non* *Luc. 18.*
deficere. E como o encommenda S. Paulo: *Sine intermissione orate*, o que declarando Beda diz, que aquelle ora de *Theff. 5.*
 continuo, que naõ cessa de obrar bem, sendo santo, & justo: *Beda.*
Non desistit orare, qui non desistit bene agendo, justus esse. E a pessoa que quizer orar, em todo lugar que estiver, & se recolher a orar, tem Deos apar de si, & junto a si para o ouvir; porque David diz que o Senhor està chegado aos que chamaõ por elle. E muito he o que Deos dà aos que *Ps. 144.*
 oraõ, muito o que concede aos que sabem bem pedir. Mas quando nossas orações naõ são ouvidas he, ou porque de nossa parte naõ vaõ bem dirigidas, ou porque na tardança de nos fazer as merces, que lhe pedimos, nos quer Deos habilitar de merecimentos, que por entaõ nos faltaõ, & com a dilatação do tempo se vaõ adquirindo.

Grandes são as excellencias da oração, a qual he o mesmo, que pratticar, & conversar com Deos, final de grande amor

para com elle, armas poderosissimas contra o demonio, me-
finha do Ceo para todas as enfermidades, & de tanto pro-
veito para os homens, que naõ he menos necessario o orar
para a vida espiritual, do que o comer para a vida corporal.
Orar a Deos he graça de Deos, & della carece quem naõ ora,
nem trabalha por isso. Nõs outros, ou façamos oraçaõ com a
voz, ou em silencio, o coração he o que fala, o que chama, &
o que ora: a este ouve Deos. E se quereis que Deos ouça bẽ
vossa petiçaõ, firmai em vosso coração a Ley de Deos, & ve-
de o que pedis, como pedis, & a quem pedis, que saõ tres cir-
cunstancias que haõ de andar junto a quem ora; & a oraçaõ
bem ordenada mais se deve fazer com affectos da alma, que
com clamores da bocca. E se quereis orar em o templo, que
he proprio lugar da oraçaõ, orai dentro em vòs, porque co-
mo diz S. Paulo: *Vos estis templum Dei*, vòs sois templo
de Deos, aonde elle deve ter sua morada, & naõ o demonio,
que a oraçaõ afugenta do aposento da alma.

2. Cor. 6.

Pois a oraçaõ he significada pelo incenso, seja este o que
de continuo offereçamos a Deos, para que de continuo lhe se-
jamos agradaveis; que se alguma cousa nos faz covardes pa-
ra as cousas de Deos, he o grande descuido que muitos te-
mos da oraçaõ, parendonos sem ella difficultoso, o que
com ella fica sendo muy suave. Esta pois seja a voz da ro-
la, que se ouça em a nossa terra: *Vox turturis audita est*
in terra nostra. E se como quer S. Gregorio, que pela nos-
sa terra se entenda o Ceo, patria nossa, ouça-se esta voz de
rola, que he nossa oraçaõ, de continuo nesse Ceo, para que
o Senhor delle tenha por bem concedernos o premio, que
esperamos por meyo da oraçaõ, que seja nosso exercicio quo-
tidiano.

Cant. 2.

Gregor.

Videira.

Alegria.

Consideração primeira.

Muito se dilata o glorioso Santo Ambrosio em louvores da videira, tantas vezes referida em a Escrittura sagrada. Dos significados que tem, o principal he de alegria. Collige se daquelle exemplo do nono capitulo dos Juizes, aonde cõmettendo as arvores à videira, se queria aceitar ser rainha de todas ellas, respondeo que não podia deixar o seu vinho, com o qual os homens se alegrão na terra, & os deoses no Ceo; mostrando nisto, que nenhũa cousa tinha mais propria, que alegrar a gente, & aonde tinha tão bom officio, não queria outro cargo, por honroso, & eminente que fosse. Assim diz Salamão, que o vinho bebido com moderação he contentamento da alma, & corpo. David tambem diz, que o vinho alegra o coração do homem. Os Medicos dizem, & a experiencia o mostra bem, que não ha melhor antidoto para a tristesa, que o vinho, & os que forem melancolicos, quanto mais subtil, & delicado vinho beberem, gerarão melhores humores, resistindo ao maligno que tem. Socrates dizia, que o bem que erão as mandragoras para a vida, o azeite para o fogo, esse he o vinho para o coração. Em os Proverbios se diz, que demos vinho aos que padecem amargura. S. Chrysostomo diz, que não ha mais presente remedio para a tristesa, que o uso do vinho, de forte que o excesso delle não prejudique ao bem que delle procede; porque da demasia do vinho nasce o demasiado prazer, que muitas vezes dà em furia, & deliramento do juizo. Donde dizia Plataõ, que nem se deve dar vinho aos que andão na milicia, nem aos servos, & escravos. E que tambem os pays de familias devem usar delle com temperança. Já os que forem Juizes, & Ministros pu-

*Jud. 9.**Eccl. 34.**Pf. 103.**Galen.**Socrat.**Prov. 31.**Chryf.**Plat.*

blicos, em nenhum modo o havião de beber. O que parece que tinha lido em Salamão, aonde a mãy de Lamuel (que quer dizer mãy daquelle, com quem Deos està) faz muita instancia em lhe encomendar que não dè vinho aos Reys, porque não ha segredo aonde reyna a intemperança deste licor:

- Eccl. 31.* *Noli Regibus dare vinum.* Alexandre Magno, sendo Principe de muita clemencia, & piedade, nunca fazia obras indignas de sua pessoa, senão quando bebia vinho, que alheyo de seu juizo matava os mayores amigos seus, de que depois lhe pesava muito. Cleomenes Rey dos Espartas, bebendo huma vez mais do que convinha, endoudeceo, & ficou furioso. Diz Santo Ambrosio, que não forão bastantes as agoas do diluvio para fazer despir a Noè, & ficar nù, & que o vinho o chegou a descompor de sorte, que ficou nù, descomposto, & fóra de seu juizo. Diz Hecateo, que nem os Sacerdotes Egypcios, nem os seus Reys bebião vinho, imaginando que a videira nascera do sangue dos Gigantes, que na terra se derramou, donde procedia, que o vinho tinha de propriedade causar furor, & doudice. Nem os Gentios offercião vinho a Mercurio, senão leite, porque o vinho assombra muito o entendimento, impedindo a expedição, & correntesa de falar, porque engrossa a lingua, & como Mercurio era deos da eloquência, não lhe podia ser aceito licor que tanto impede a subtilidade, & facilidade de bem dizer.

- Tornando ao significado, que a videira, & o vinho tem de alegria: alegres forão as novas que Joseph prognosticou ao Copeiro de Faraò, o qual estando preso, sonhara que vira tres varas, que procedião de hũa videira, carregadas de uvas. Assim tinhão os antigos, que aquelles que sonhavam có uvas, cachos, ou videiras, havião de ter successos venturófos, & ampliação de bens, como sonhou El-Rey Astyages, que vio hũa videira, cujas varas, & ramos fazião sombra a toda Asia, procedendo de hũa sua filha, da qual nasceo dahi a pouco Cyro seu neto, que sojugou, & se fez senhor de toda Asia. Anacarses

ses Filosofo dizia, que a videira tem tres varas, das quaes a primeira cauſava goſto, a ſegunda deliramento, & a terceira perdição, dando a entender, que o vinho moderado traz cõſigo alegria, & o exceſſo enfermidade; mas a intemperança ſem modo he total deſtruição da ſaude, & fazenda.

A ley do Convite Puteolano aſſinala o modo que ſe ha de ter em beber vinho: *Cum cautione tres creaturas haurias, primam ſitis cauſa, ſecundam ſis hilaritatis, tertiam ſodes voluptatis*, como ſe diſſera: Permittimos aos que ſe acharem em convites, que bebaõ com cautela tres veſes; a primeira por neceſſidade do comer, a ſegunda por alegria, & a terceira em ração da companhia; mas logo diz: *Cum cautione*, que haja cautela, & moderação. O vinho para ſer bom, & proveitoſo à ſaude, deve ſer conforme apontão as regras da eſcola Salernitana:

Vinum ſit clarum, vetus, ſubtile, maturum,

Et bene lymphatum, ſaliens, moderamine ſumptum.

O vinho de quanto mais tempo for, quanto melhor, ſeja claro, ſeja maduro, & delicado, bem agoado, & beba-ſe com moderação. Diz Tertulliano, que os Romanos prohibião vinho às molheres, & por ley publica lhes era vedado. Por iſſo reynando Romulo, nenhum caſtigo ſe deu pelo Senado a hum homem que ſem cauſa matàra ſua molher, & não teve que dizer em ſua deſenſaõ, ſenão que hũa vez a vira beber vinho, o que baſtou para o darem por livre. Muito ſe eſtranhou ſempre às molheres beber vinho, & não carece de myſterio defender o Anjo à mãy de Sanſaõ, que o não bebeſſe, nem outro licor ſemelhante, para Deos lhe fazer merce de lhe dar hum filho, como deu a Sanſaõ, ſendo dantes eſteril. Anna mãy de Samuel dizia a Heli Summo Sacerdote, que nunca bebera vinho, nem couſa que pudette perturbar o entendimento, pelo que mereceo hum filho de tanta alegria, & contentamento ſeu. Chama Moyſes ao vinho peçonha. Deve ſer aquelle, de que ſe uſa mal para exceſſos da gula: *Vinum eorum venenum*

Convit.
Puteol.

Schola
Salern.

Tertull.
Pier.

Jud. 13.

1. Reg. 1.

Deut. 32

aspidum insanabile. Chama ao vinho peçonha, & não qual-
 quer peçonha, senão de aspides, que mata sem remissão. Cõ-
Plinius. ta Plinio, que matando hum cavalleiro a hum aspide, correo
 a peçonha pela lança, & tirou a vida ao cavalleiro, & ao caval-
 lo. Semelhantes effeitos são os do vinho, & mais notaveis
 cousas faz. Considera S. Gregorio sair Loth de Sodoma, &
Gen. 19. não tirar della outra cousa, senão vinho para levar comfigo a
 mais refinada peçonha que achou naquella Cidade, & veja-
 se o effeito della, pois o chegou a ter filhos de suas filhas, aca-
 bando com elle o vinho o que não acabou Sodoma. Pergüta
 neste passo Santo Ambrosio, como se chamarião aquelles
 meninos, & responde, que se chamarião filhos do vinho;
 porque para serem filhos de Loth, ficavão sendo irmãos das
 mãys que os géraraõ, & para serem filhos das mãys, ficavaõ
 sendo netos de Loth: & assim nem o pay, nem as mãys lhes
 podiaõ chamar filhos: chamemse logo filhos do vinho, que
 causa taes monstros, & enormidades.

Consideração segunda.

Ioan. 15.
Agath.

Isai. 56.

Luc. 2.
Isai. 9.

CHristo nosso bem disse por sua bocca, que era videira,
 & porque esta significa alegria, diz hum Padre antigo,
 que Christo he videira, cujo licor alegre o coração dos Fieis,
 quando sendo d'elle dignamente bebido seu divino, & precio-
 so Sangue, alegres, & contentes louvãõ, & engrandecem o ve-
 neravel Sacramento de sua Redempção. He Christo videi-
 ra, porque he a verdadeira alegria do Ceo, & da terra. Ale-
 grou o mundo antes de vir a elle, com as esperanças que lhe
 dava de sua vinda: alegrou-o quando nasceo, que os Anjos
 lhe deraõ as boas vindas com musica celestial: alegrou-o cõ
 sua gloriosa Resurreição, participando desta alegria os que
 estavaõ em trevas, & na região da morte. Tambem o alegrou
 com lhe mandar do Ceo o Espirito Santo: & finalmente foi
 causa de alegria a todos os Santos, que por elle padecêraõ,
 como

como conta S. Lucas, que hião os Apostolos alegres, & contentes da presença dos Juizes, porque chegavão a ser dignos de soffrerem injurias, & afrontas pelo nome de Jesu. He Christo verdadeira vide, não por essencia, senão por semelhança, porque mais em effeito sustenta aos seus Fieis, que a vide natural: assim como se chama luz verdadeira, não porque seja esta, que se deriva do Sol; & assim como se chama Paõ vivo, & verdadeiro, não porque propriamente seja paõ, mas porque sustenta melhor, & mais verdadeiramente, que o nosso paõ natural; assim he verdadeira vide, porque nos sustenta, & porque d'elle temos a substancia, & a elle devemos estar unidos, & sem elle não ha ter vida, nem gosto perfeito; sem elle não ha fazer nada (como elle diz) *Sine me nihil potestis facere*, pelo que diz Santo Augustinho: que Deos està em si mesmo como em principio, & fim: està no mundo como Author d'elle: nos Anjos como gloria, & ornamento desses Anjos: na Igreja como pay de orfaos em sua casa: em a alma como desposado em o seu thalamo: em os Justos como protector, em os reprobos como medo, & pavor. Como da vide se deriva toda a virtude às varas, & ramos della, assim de Christo se deriva todo o bem a seus Fieis: *De cujus plenitudine omnes accepimus*, diz S. Joaõ, todos os q̃ a elle estamos unidos por Fé, & caridade, participamos das enchentes de sua divina graça, porque assim como a fermosura, & bellesa dos ramos da arvore se deriva do tronco della; assim toda a riqueza, & fermosura de nossas almas procede de Christo: *In quo sunt omnes thesauri*, fonte donde mana toda a graça, & raiz donde procede todo o bem.

Act. 4.

Ioan. 8.

Ioan. 5.

Ioan. 15.

August.

Ioan. 1.

Coloss. 1.

Consideração terceira.

Considera-se ser Christo videira pela suavidade de seu fructo, que he dulcissimo, & suavissimo. Todos os mais fructos a respeito dos de Christo são amargófos como o fel.

Deut. 32

Eccl. I.

Cant. 2.

Luc. 22.

Psal. 90.

Leo.
Pap.

fel. Os cachos da videira, que não he Christo, tem perverso labor: *Uva eorum, uva fellis, & botri amarissimi*, são uvas de fel, cachos amargosísimos, & estes ainda que no principio pareçaõ doces, ao longe mostraõ que amargaõ muito; mas os de Christo são sempre a mesma doçura, & suavidade. Fazei summario de todas as cousas mundanas, que tem apparencia de suavidade, em todas achareis pena, afflicção de espirito, & vaidade; só em Christo achareis todos os bens, verdadeiro descanso, eterna alegria, sustentação, & vida de nossas almas. Todos os fruttos, que não procedem desta vide, não pôdem fartar, nem sustentar; porque em todos ha miserias, & defeitos. A carne darvos ha corrupção, o mundo vaidades, o demonio pedras, os homens males, os filhos desgostos, os parentes invejas, os amigos ingratições; só Christo sustenta, enche, & farta; recrea, & dà toda a doçura, & abundancia de cousas, que por isso diz que he flor do campo: *Flos campi*, ou como tem outra letra: *Flos saturitatis*, flor de fartura, flor de abundancia. Quem se não pagarà mais desta flor, que de todas as que o mundo tem, por bellas, & fermosas que pareçaõ?

Porém se Christo (como temos dito) he nossa alegria, porque ração mostrou no Horto que tinha tristeza, devendo-se mostrar alegre, pois morria contente? Mas a isto se responde, que se entristeceo, tomando da tristeza, & temor o q̄ quiz, & se quísera, pudéra não temer, nem entristecerse, porque nenhum mal do mundo podia chegar a elle, como David o tinha ditto: *Non accedet ad te malum*. Temeo porque quiz tomar nosso temor, & tristeza sobre si, communicandonos sua alegria, & fortaleza, como diz S. Leão Papa. Poz em os Santos seu esforço, seu valor, & alegria, & tomou sobre si nossa fraqueza, & temor. Por isso os Martyres não temem, porque como são ramos desta vide, della se lhes communica fortaleza, & valor.

Consideração quarta.

OS Authores Gregos quando queriaõ mostrar que suas alegrias se perturbavaõ com desgostos, & sobrefaltos que occurriaõ, pintavaõ hũa videira junto a hũa couve, porque he grande a contradicção, & inimidade que ha entre estas duas plantas, de forte, que aonde a couve està junto à videira, naõ a deixa crescer, nem ir avante; & como na videira se significa alegria, & a couve tenha propriedade abater sua belleza, & vigor, bem se significa nesta figura a alegria que he perturbada com algum desgosto, que se lhe põem à vista. Cicero no livro de divinatione diz, que assim fogem as videiras das couves, como de cousas pestíferas, & muy prejudiciaes à sua verdura. Beritio que escreveo das cousas do campo, diz que nas vinhas se naõ lance outra algũa semente, & particularmente afastem dellas couves, que lhes saõ nocivas, & contrarias. A ração he, porque pela natureza que tem secca, haõ mister muito humor, & este tomaõ ellas às videiras que lhe ficaõ perto, roubando-lhe seu alimento, & tem entre si taõ grande contradicção, & antipathia, q̃ se cozendo-se as couves, lhe lançarem em cima hũas pingas de vinho, naõ se cozem mais, & mudaõ a cor que tinhaõ. Tambem dizem Authores Gregos, que se alguem antes de beber vinho, comer hum talo de couve crua, por mais vinho que depois beba, naõ perderà o juizo, porque toda a força lhe abate o talo que primeiro comeo.

Pierio.

Cicero.

Beritio.

Consideração quinta.

ESte geroglyfico de alegrias perturbadas pertence a todos, naõ havendo quem no melhor de seus gostos naõ tenha algum successo que lhe mude tudo em confusão, & tristesa. O que Deos ordena, ou permite, para entendermos, que nesta vida naõ podem gostos, & alegrias ser de dura, & para

August.

Ebryf.

Gregor.

para que vendo nós a pouca firmeza delles , aprendamos a buscar, & amar gostos eternos, que nunca deixaraõ de ser, naõ havendo molestia que os impida, nem sobressaltos q̃ os perturbem. Esta alegria que Santo Augustinho chama chea, & perfeita, só no Ceo (diz elle) se acha. A alegria desta vida commummente se converte em tristesa, & se nella ha ter alegria, tenhamola em o Senhor, & naõ em nós; alegre-se o Justo em Deos, & naõ em si. E quando nosso coraçãõ se alegrar, juntamente tema. S. Chrysoftomo diz, que sempre Deos costuma misturar cousas alegres com tristes, & que o estar sempre alegre naõ he bom. Diz mais, que a Igreja naõ promette aos seus Fieis alegria, nem segurança na presente vida, porque: *Re vera omnis letitia periculosa est, omnis securitas castibus plena, omnis jucunditas laqueis impeditur.* Toda a alegria he perigosa, toda a segurança està chea de successos, todo o gosto cercado de embaraços, saõ alegrias vespervas do desprazer, que vem ao outro dia: & S. Gregorio diz: *Præ nuntia tribulationis est letitia satietatis*, a alegria de fartura, & abundancia he mēlageira da tribulaçaõ, que vem por caminho. Apoz a festa, & prazer dos filhos de Job em o convite, veyo sua tribulaçaõ com a mesma morte. Pois logo naõ queiramos alegrias do mundo, senaõ as que Deos dà aos Justos: *Letitia tua justitia*, a vossa alegria seja a vossa justiça, a vossa virtude, o vosso procedimento santo.

Flor da vinha.

Bons intentos.

Consideração primeira.

DA flor da vinha se fala em a divina Escrittura, & os Doutores sagrados lhe daõ sua significaçãõ, & querem que por ella se entendaõ bons propositos, & louvaveis intentos. Estes saõ os que Deos busca em nós, & por isso em os

Can-

Cantares duas vezes sahe o Celestial Esposo ao campo ver se a sua vinha florece: *Videamus si floruit vinea, si flores fructus parturiunt.* Que heo mesmo que buscar bons desejos com effeito de obras, que então se executão quando essas flores dão fructo. Vem o Senhor ver se a vinha de nossa alma (que como vinha ha mister continua cultura) florece por intentos santos, & se essas flores dão fructo (postos por obra esses desejos, & santos propositos). S. Gregorio diz, que então florecem as vinhas, quando as almas fieis propõem boas obras, & que não se ha de attentar se as vinhas florecem, mas se essas flores chegão a dar seguro fructo, porque não he muito começar com bons intentos, se não ha perseverar na boa tenção, de que resultão boas obras.

Cant. 7.

Gregor.

Consideração segunda.

NO florecer da vinha se representa o estado dos que começam com bons desejos, & no dar as flores fructo se vem os que aproveitão por boas obras. Dous generos ha de intentos diversos entre si, como o são as flores da vinha, & as do campo; porque estas ainda que são fermosas, & agradaveis, com tudo com o ardor do Sol seccão, & murchão, & se as trazem nas mãos, de pressa perdem o cheiro, sem daré fructo algum, mais que serem flores que agradão. A flor da vinha além de sua belleza, & cheiro, dà de si fructo, & ainda que caher, deixa cachos de uvas, de que se faz bom vinho. Assim são os bons intentos de alguns, flores do campo, que com qualquer ardor do Sol, qualquer tentação, deixão de ser, & se tornão em nada, antes deixão pestifero cheiro de novo peccado, nova ingratitude para com Deos, dos quaes se póde dizer aquillo de Isaias: *Omnia gloria eorum sicut flos agri, exsiccatum est fœnum, & cecidit flos.* A sua gloria he como flor do campo, seccouse o feno, cahio a flor, tudo se tornou em nada. Outros intentos ha como a flor da vinha, daquelles que cul-

Isai. 40.

cultivando sua alma como a vinha, florecem em santos desejos, os quaes descubertos ao ardor da divina graça, ainda que parece que cahem quando se escondem aos olhos humanos, dão de si fructos suavissimos de virtudes celestiaes, boas obras de devoção, contrição, & mortificação, o que dá a entender hũa versão Hebréa, que aonde nós lemos: *Videamus si floruit vinea*, vejamos se florece a vinha, tem ella: *Si floruit uva acerba*, se floreceo a uva azeda; porque se florecem bõs intentos, sempre são com asperesas, & rigores, com que hũa alma se quer dar a Deos, começando pela amargura de hũa boa confissão, por penitencia, jejuns, mortificações, & outras obras semelhantes, por onde começam os que de novo se convertem a Deos; & então se lhes póde dizer: *Videamus si floruit uva acerba*. De continuo está Deos esperando que florecção em nossas almas estes bons propositos, para que de todo não pareção plantas mortas; porque nas plantas espirituales está a vida junta com as flores, & fructos de sorte, que quem delles carece, fica carecendo de vida; & quando Deos não ache estas plantas com fructo de boas obras, pelo menos importa que as ache com flores de bons intentos. E quando a arvore espiritual sentir que está secca, & falta de alento celestial, recorra ao Ceo, que a regue com seu soberano orvalho, & agoas de graça, para que a renove, & lhe permita reverdecer, & apparecer com algũas flores de santos desejos, & diga com a Esposa Divina: *Veniat dilectus meus in hortum suum*. Venha o meu querido Jesus a esta sua horta; visite esta alma desamparada de virtudes, & veja como sem sua graça vai seccando, & perdendo a belleza que algum hora teve.

Cant. 4.

Consideração terceira.

E Stas flores da vinha, que são os bons intentos, pretendem muito o demonio destruir, & lançar por terra em o principio, para q̃ não venhão a ter effeito, & produzir fructo.

Isto

Isto considerava, & lamentava Jeremias, quando via a pouca firmeza que havia em se conservarem bons propositos, dizendo: *Ascendit mors per fenestras, ingressa est domos nostras, Jerem. 9. disperdere parvulos de foris, & juvenes de plateis.* Subio a morte pelas janelas a lançar a perder as crianças tenras, que criavamos por fóra, & os moços grandes que traziamos pelas ruas. Aonde os Doutores sagrados entendem por isto a diligencia que o demonio põem em destruir nossos bõs propositos, que são como meninos de pouca idade, que criamos no interior de nossas almas, antes que sayão a luz; & pelos moços que andão nas ruas, se entendem as boas obras, & exercicios exteriores que fazemos diante do mundo, como he a confissão, as esmolas, & outras acções, que he bem que o mundo veja, para tomar bom exemplo dellas. Estes são os meninos pequenos, & grandes, que a morte entra a matar, subindo pelas janelas de nossos sentidos ao aposento da alma para lhe tirar a vida com a setta do peccado, & do perverso desejo, que commummente entra pelos sentidos; porque pelos descuidos delles se dà principio a muitos males. Faz nestas palavras o Profeta Jeremias comparação da alma a hũa fortaleza inexpugnavel, que não se podendo combater pelo sitio em que está, là descobrem os inimigos hũa porta falsa, ou hũa janela por onde entrão, & se apoderão della, matando a gente que dentro achão. Assim succede a muitas almas, que parecendo inexpugnaveis a todos os inimigos infernaes pelo muro da graça divina que as cerca, acertão de ter hum descuido com algum dos sentidos corporaes; olhão com pouca cautela dos olhos, admittem qualquer maligno pensamento; & eis que entra a morte pelas janelas dos olhos a destruir quantos bons intentos acha dentro na alma. Deste pouco recato dos sentidos, q̃ algum hora tivera, se queixava a Alma Santa; porque d'elle lhe nascião muitas guerras, & desconfortações, quando dizia: *Filii matris meae pugnaverunt adversus me, posuerunt me custodē in vineis.* Cant. 1.

Como

Como se dissera: Os filhos de minha mãy, que são os sentidos da minha alma. Estes sentidos meus, que estão juntos comigo de sorte, que sem elles não vivo, nem posso viver, irmãos gérados comigo da mesma mãy, pelos quaes me são ministrados os objectos, com que obro bem. Estes que me houverão de favorecer, pelejão de continuo contra mi, fazem-me guerra de portas a dentro, & andão todos por me destruir; os olhos querem que veja, & que deseje; o gosto, que coma, & me regale; o tacto, que use de todos os mimos, & branduras do mundo, & assim todos os mais sentidos querẽ que vã traz seus appetites, & com me guerrearem deste modo se chegão a me vencer, & cattivar meu entendimento, como me roubão o uso da razão: *Vineam meam non custodi* *divi*, fico não guardando a minha vinha, nem dando boa conta de mim; porque tanto que me descuido a abrir portas a meus inimigos, entra a morte por ellas: *Disperdere parvulos*, &c.

Cant. I.

Consideração quarta.

Bons intentos hãose de conservar com cautela, como flores delicadas que são, & hãose de executar com diligencia, para que não cayão, & se percão com qualquer vento de tentação, que sobrevenha. O glorioso Santo Augustinho depois de se converter a Deos, chorava muito o tempo q se detivera em executar os bons propositos, que trafia consigo. Chorava o muito tempo que os andou dilatando, sem suas flores acabarem de sair com fructo. Assim dizia elle: *Modò modò, ecce modò, sine paululum, sed modo, & modo non habebam modum, & istud paululum ibat in finem*. Queria me cada dia converter a Deos, & cada dia o dilatava para outro dia, & nunca chegava o dia de minha conversão; criava dentro na alma bons intentos, & não acabava de sair com elles a luz: *Modo modo, ecce modo*. Quando Deos me chamava, dizia,

August.

dizia, que logo hia, logo me partia, que me esperasse mais hū pouco, & este pouco crescia a muito, este logo nunca chegava; não tinha fim esta minha dilação, detinhame mais, & perdiame mais. Isto sinto agora, & disto tenho grande dor.

Estes bons intentos nos dà Deos muitas vezes, que nos incita com desejos santos, & nos chama com inspirações do Ceo; & quando vê que não acodimos a ellas, & nos não aproveitamos dos favores divinos, que nos dà, vem tempo em que chega a afastar-se de hūa alma, deixando a na obstinação, em que a achou. E então succede occasião, em que hūa alma obstinada queira o favor do Ceo, que se lhe nega em castigo, que quando se lhe offerencia, o não quiz aceitar. Assim diz o mesmo Santo Augustinho: *Cum voluit improbus peccator, Augusti non potuit, quia cum potuit, noluit.* Quando o maligno peccador quiz a Deos, não o achou, porque quando o podia achar, não o quiz. Quando tinha favores do Ceo, não os quiz, agora que os quer, não os tenha. O mesmo diz este Santo em outro lugar por outras palavras: *Evigilabunt impii Augusti cum nolunt, si modò non evigilant, quando utile est.* Os malignos estão adormecidos em o sono de seus vicios, pois ha de vir tempo, em que despertaraõ, quando não quizerem, se agora não despertaõ, quando lhes he proveitoso o seu não dormir. Pelo que se Deos nos dà bons intentos, trabalhemos de os exercitar: se o Ceo nos chama com suas vocações, despertemos a ellas: *Nemo obdormiscat, (diz S. Chrysoftomo) Chryso. I nemo vel hebetior fiat, vel tardior ad salutem.* Não haja quem adormeça, nem quem seja tibio, & vagaroso para couzas de sua salvação. Achenos sempre Deos com flores de vinha em nossas almas, que são bons intentos, apoz os quaes se seguem fruttos de boas obras, para que quando vier ao jardim das almas Christãs a ver se florecem as vinhas, ache as flores, & fructo, que elle regue, & conserve com as agoas de sua divina graça. *Cant. 7.*

Consideração quinta.

A Mesma obrigação, que temos de conservar bons intentos, nos fica também de acodirmos depressa com socorro a quem virmos com elles, desejo de os executar. Quando o pay do filho Prodigio vio que o filho vinha com bons propositos, & arrependimento de vida, abraçando-o, mandou que muito depressa lhe trouxessem vestidos para cobrir a quem via nù: *Citò proferte stollam.* No que se dà a entender, que aquelles que são Prelados, & Pastores de almas, quando virem que algúas se convertem a Deos, ou tem intentos de se dar a elle, com muito fervor do espirito os ajudem, & favoreção com o que nelles for. E assim devem os Confessores não dilatar absolvições a peccadores, que vão contritos à Confissão, por grandes peccados que levem, porque Deos não he vagaroso em perdoar, & no instante que o peccador se converte, logo perdoa, & ao filho Prodigio abraça, veste, & enriquece, não lhe dilatando a graça, & favor do Ceo. Devem se favorecer bons intentos de peccadores; porque como estes sejaõ nelles raros, & em muitos annos escassamente lhes entra hum bom desejo no aposento da alma, ha mister que os ajudem nas occasiões que os tiverem, porque de outro modo depressa lhes passaraõ os bons propositos, se depressa lhes não acodirem. Mandou Saul vestir a David de suas armas, & David vendo se cuberto dellas, com serem ricas, & fortes, estranhou as pelo descostume, que tinha de andar armado; se depressa as vestio, depressa as despio, & tirou de si, dizendo: *Non possum sic armatus incedere,* figura dos que não sendo costumados a se armar, & cobrir de bons intentos, hum instante que os tem, os largaõ com facilidade; porque não tem uso, nem exercicio de bons propositos, & desejos celestiaes. Por isso he bem que estes se favoreção, & não se lhes tarde com o favor, que o Senhor

Luc. 15

I. Reg. 17.

Senhor permitta que achemos todos em os santos intentos, de que temos mostrado ser figura a flor da vinha.

Folhas de vinha.

Esperanças perdidas.

Consideração primeira.

O Significado, que as folhas de vinha tem de esperanças perdidas, devia derivarse de hũas palavras, que o Profeta Isaias diz em o capitulo 34. *Sicut decidit folium de vinea*, aonde (como diz Dionysio) ameaça Deos com destruição universal a todo o mundo, ou como querem outros Padres, a Divina Justiça se arma contra os infieis Judeos. Diz pois o Profeta Santo em sentido mysterioso, que os Ceos se dobraraõ como hum livro, & a milicia delles cahirá, como cahe a folha da vinha; & aponta mais a folha da vinha, que de outras arvores; porque esta no seu cair tem differença das mais; porque as outras folhas não cahem taõ depressa, nem seccaõ taõ de ligeiro, como as da videira, nem deixaõ a sua arvore nua taõ de repente, como ellas a sua parreira. A vinha em quanto tem folhas, mostra que tem frescura, parece agradavel, & representa tempo de Veraõ; porèm caindo lhe as folhas, que fica despojada de sua graça, & fermosura, parece que se perdem as esperanças de sua verdura, & que se acabou o Veraõ, entrando o Inverno com suas inclemencias, & rigores; despindo as plantas de seu ornamento, & começando pela videira com mais izenção, & se veridade. Por isso no cair destas folhas se pòdem significar esperanças perdidas, quando totalmente não fica lugar a se esperar mais algum bem, ficando de repente toda a confiança posta por terra, o desejo decepado, a imaginação destruida, & o effeito impossibilitado. Assim o ficaõ todas as esperanças postas em cousas do mundo, que (como diz Santo Augustinho)

Isai. 34.

August.

Gregor. são esperanças mortaes, transitorias, & caducas, & por isso se perdem; nem do mundo ha que esperar, senão enganos, trabalhos, & misérias hūas apoz outras. S. Gregorio diz, que quem nelle põem suas esperanças, depressa as verã perdidas, como o que fizesse fundamento das agoas que vaõ correndo.

Luc. 12. Aquelle rico, de que fala o Evangelista S. Lucas, punha todas suas esperanças em suas riquezas, & farturas, dizia que para largos annos tinha junto muitos bens, & que com essa confiança podia triunfar da vida, & dar-se a todos os gostos della; mas depressa se perdèraõ esperanças taõ mal fundadas com a repentina morte, que deu com sua alma em o inferno, aquella mesma noite que era principio de suas esperanças vãs; castigo justamente merecido, porq̃ quem para taõ longo tempo fundava esperanças do mundo, justo foi que lhe faltasse logo, porque depressa corta Deos intentos de quem devagar determina offendello; de repente priva da vida a quem com a ter passado mal, ao diante determina passalla peyor. Por isso querendo Job notificar ao mundo, que nunca fora taõ louco, que puzesse sua esperança em cousa da vida, diz: *Si putavi aurum robur meum, & obrizo dixi, fiducia mea.* O que S. Gregorio declara, dizendo: nunca confiei em riquezas, nunca puz minhas esperanças no ouro, porque me não ficassem perdidas, como depressa houveraõ de ficar neste meu triste successo; esperanças se as tive, em Deos as tive, & tenho; nelle espero, em sua graça confio, a sua clemencia, & piedade recorro.

Job 31.

Consideração segunda.

Chryf.

A Cercados que em bens do mundo esperaõ, diz S. Chrysoftomo, que os pays que aos filhos procuraõ deixar riquezas, & tudo para elles ajuntaõ, os privaõ da esperança da salvação; porque riquezas convidaõ a esperar-se nellas com a agradavel apparencia que tem, & fechaõ

as portas a esperanças de bens eternos; porque estas se não compadecem com aquellas: & como diz o Senhor, ninguém póde servir a dous senhores, nem agradar a hum, & *Matth. 6* agradar a outro. Esperanças como se põem em cousas do *Luc. 16.* mundo, logo são perdidas: *Sicca spes est hujus sæculi,* (diz S. Gregorio Papa) *quia omnia, quæ hic amantur, cum festinatione marcescunt.* Secca he a esperança deste mundo, porque tudo o que nelle se ama, depressa se murcha. Por isso o Apostolo S. Pedro nos convida a asperar aquella herança incorruptivel, que nunca deixará de ser: *In hæreditatem incorruptibilem, incontaminatam, immarcescibilem.* Não perde tão boas esperanças de bens vindouros o que reconhece passadas merces; perdem-se as que se põem em o homem; perde-as quem a Deos não teme, porque se com o não temer ainda espera, em vão espera: *Frustra sperat qui Deum non timet,* diz S. Gregorio, de balde espera quem a Deos não teme. Os que perseverão em peccados, esperão salvar-se, desfazem em a justiça de Deos, & os que desesperão, porq̃ desconfião do perdão divino, negão a misericordia de Deos. Os que sentem bem de sua clemencia, esperão alcançar d'elle o q̃ não merecem por delittos seus: & ninguẽ deve esperar perdão d'elle, porque o mereça; mas porque he clemente, & misericordioso o Senhor que o dà; pelo que esperanças postas em Deos, são as que se ganhão, & aproveitão; as que se põem fóra de Deos, são as que se perdem, significadas em as folhas da vinha: *Sicut decidit folium de vinea.* *Isai. 34.*

Consideração terceira.

Dous homens heuve, que se parecerão na perdição, & nos meyo se encontrarão; hum em ter sobejas esperanças, outro em as perder de todo. Cain desesperou logo, *Gen. 4.* & Balão sendo peccador, & perseverando no peccado, esperava muito. Por isso diz o Apostolo Judas em a sua Epistola *Num. 24.*

Judas.

Canonica: *Vae illis, qui in via Cain abierunt, &c.* Coitados daquelles que vão pelo caminho de Cain, que para com Deos perdeu as esperanças de perdão. E também imitação a Balão, que com a perseverança do peccado esperava morte santa. Hum destes em tanto tempo, que Deos lhe deu de vida, nunca grangeou esperanças de seu remedio; o outro vivendo vida de peccador, teve sempre esperança de morrer como justo: locuras grandes, porque de ordinario qual he a vida, tal he a morte; nem tanto confiar sem fundamento, nem tanto desesperar com temor. Diz Santo Augustinho, que os homens perigão em duas cousas, esperando, & desesperando, em cousas contrarias, & em contrarios effeitos da alma. Esperando se engana o que diz: *Bonus est Deus*, tenho a hum Deos clemente, farei o que quizer, comprirei meus desejos. Bem se vê que quem isto diz, periga em a esperança: *Spe iste periclitatur*. Mas aquelles perigão na desesperação, que caindo em graves peccados, cuidando que não podem alcançar delles perdão, vão avante com as offensas de Deos, como gente que tem por certo haver de ser condenada: *Istos desperatione necat*, a estes mata sua desesperação. Pois façamos q̄ nem nos mate desconfiança, nem nos lance a perder a muita confiança. Aos muito confrados diz Deos: *Ne tardes converti ad Dominum, neque differas de die in diem*. Não cōfies homem tanto na vida, que tardes tanto em te converter a Deos, não dilates tua conversão de dia em dia. Aos que desesperão do perdão de peccados diz Deos: *In quacunque die ingemuerit peccator, omnium iniquitatum ejus non recordabor*. Em qualquer dia, & instante que o peccador der hum gemido de contrição, eu lhe perdoarei, & me esquecerei de todas suas maldades. Ponhamos pois nossas esperanças em Deos, para não serem perdidas, que temos hum Deos, & Senhor, q̄ olha para os mayores peccadores, para lhes perdoar, & trazellos a si: & de tal modo esperemos nelle, que com as esperanças ajutemos reformação de vida, & procedimêto sãto.

August.

Eccl. 2.

Ezec. 11

Macieira.

Macieira.

Amor.

Consideração primeira.

Commummente se diz que a Maçã significa discordia; mas esta se póde ter com aquelles que a tão excellente pomo dão tão differente significado, do que divinas, & humanas letras lhe dão, não havendo hum só Author, que lhe attribua discordia, & sendo muitos os que o fazem figura do amor: especialmente os Doutores sagrados, q̄ explicão aquellas palavras dos Canticos, aonde a Alma Santa diz, que seu querido Esposo he como a Macieira entre as outras arvores: *Sicut malus inter ligna sylvarum.* E se pela Macieira, ou maçã se entende discordia, mal se póde comparar a ella o q̄ he paz, concordia, & conformidade dos Ceos, & da terra. Já he possível, q̄ attribuirse discordia à maçã, fosse por respeito daquelle pomo, com que a serpente infernal enganou a Eva, & poz discordia entre Deos, & o homem. Mas assim como alguns dizem, que esse pomo foi maçã, dizem outros, como Origenes, Gennadio, Theodoreto, & outros mais, que não foi senão figo, & por tanto deve o figo significar discordia, o que não he assim. He pois a Macieira geroglyfico do Amor, porque dá esta planta de si o mais bello, feroso, & delicado pomo de todos os pomos, & fruttos da terra, & o mais alegre, & agradavel à vista, de melhor, & mais suave cheiro, mais doce, & deleitavel sabor; & porque tem a cor entre pallida, & rubicunda, entre brãca, & encarnada, no que se significão particulares effeitos do amor, que he pallido, pelos receyos, & temores de que se acompanha; he córado, & purpureo, pelo pejo, & vergonha de que se veste; he doce, & suave, porque das mayores penas, & tormentos faz mais laboróses manjares, convertendo males em bens, & penas em gestos, como

Bernar.

diz S. Bernardo, que faz o amor mel muito doce do fel mais amargo: *Amor fel quod est amarum, id mel facit.* A ma-

Pierius.

çã quanto mais participa dos rayos do Sol, mais fermosa cor tem. O amor quanto mais està à vista do bem, a que respeita, mais se inflamma, & veste do novo espirito, & fervor. Por isso significão os Siconios a Venus com hũa maçã na mão direi-

Ovid.

ta, em sinal de amor, sendolhe dedicada a mesma Macieira. Por isso muitas Rainhas, & Emperatrizes andavão esculpidas nas moedas com pomos em as mãos, sinal evidente do amor, que aos maridos tinhão; pelo que merecião andar retratadas juntamente com elles. A isto deferio tambem o dar

Plinius.

Páris a Venus hũa maçã, mostrando que a merecia pela fermosura, que a fazia mais amavel que todas as deusas. Pela mesma ração se fazião as estatuas de Apollo de Macieira, por-

que fingião nelle mais notaveis historias de amor, que em outro alguma deos da gentilidade. Faz pelo mesmo hum pro-

verbio que diz: *Malis ferire*, ferir com maçãs, que he o mesmo que ferir, & magoar com amor; donde dizia Titero: *Ma-*

lo me Galatea petit. Pelo que não ha duvida, que se dê à ma-

çã o significado de amor, & não de discordia. O que muito melhor consta da Biblia sagrada.

Consideração segunda.

Cant. 2.

A Alma Santa entrando no conhecimento do infinito amor que Deos lhe tinha, & chegando com a conside-

ração a descobrillo, posto por amor dos homens em huma Cruz, dizia que lhe parecia seu Divino Esposo Macieira en-

tre as arvores dos bosques, não carecendo de altissimo myste-

rio o comparallo a esta arvore mais que a outras das que a terra cria, frescas, & agradaveis. A ella o compára, porque he

symbolo do amor, cuja figura està Christo representado muy ao vivo na planta da Cruz. Por isso diz, que lhe parece Ma-

cieira entre arvores sylvestres, porque ainda que o veja nessa
Cruz.

Cruz como pomo pallido, perdida, & mudada a cor de seu bello, & fermoso rosto, ainda q̄ o veja desfigurado, & enfermo de sorte, que pareça leproso, & paralytico, entre arvores silvestres, como erão os ladrões, entre os quaes o puserão, & quaes erão os Gentios, & Fariseos, que o escarnecião, & blasfemavão; com tudo nesse lugar, & nessa postura o considerava como Macieira entre arvores agrestes, porque alli representava o que era no cheiro, & suavidade de sua divina virtude, na força com que attrahia, & chamava tudo a si na enchente de sua graça; na fermosura das Chagas, na alteza do amor, na belleza das flores, na doçura dos fruttos, & na perfeição dos Sacramentos. Macieira entre as outras arvores, porque as mais creaturas, ainda que Anjos, & os mais homês, ainda que santissimos, quando muito pôdem recrear, aliviar, fervir de amparo, & boa sombra, a quem a elles se chega, porém só Jesus he arvore, que pôde sustentar, & dar vida, & fruttos de graça; só à sua sombra se pôde descansar, & acharse remedio, & salvação; nelle està o comer substancial da gente; em suas palavras se acha verdadeira refeição; este he o q̄ inspira, & apascenta nossas almas. As outras arvores se algũa coufa boa tem, desta a tem: *Malus inter ligna sylvarum* he Christo na Cruz, porque ainda que peccados nossos o puserão nella, com tudo nesse lugar parece: *Speciosus formâ præ filiis hominum*. Não ha alli quem se lhe iguale entre os filhos dos homens. Alli coroado de espinhos, se coroa de gloria, ficando a todos superior. Donde dizia excellentemente S. Bernardo: *Quàm pulcher in sordibus videris mihi*. Ali Senhor! como me pareceis fermoso nesse vosso abatimento, nessa Cruz em que estais posto, nessas Chagas que têdes abertas, & nessas feridas que destillão sangue. Não ha ahi cousa que vos afee, tudo me parece fermoso, & engraçado. A mesma Alma Santa inflammada de divino amor, à vista destas considerações dizia, que a acompanhasssem com pomos, que significasssem seu grande amor: *Stipate me malis*, porque quando

Isai. 53.

Mat. 27.

Marc. 15

Thren 4.

Psal. 44.

Psal. 8.

Bernar.

Cant. 2.

quando a viffe sem dar acôrdo de si como desmayada, entendessem que força do amor a punha naquelle estado, & que se algũa enfermidade tinha, era de amor: *Quia amore langueo*, por isso não quer apar de si outro alivio, nem cousa que a recree, senão pomos significadores do muito que queria, & amava.

Consideração terceira.

Seneca.

Definindo Seneca Filósofo o amor, disse que era occupação de cuidados ociosos: *Amor est otiosa cura sollicitudinis*. E disse bem, porque semelhâtes cuidados achão-se em sogeitos, que não tendo em que se occupar, se occupão nisto. E mais claramente o disse Diogenes, que sendo

Laert.

perguntado que cousa era amor, respondeo: *Amor est otiosorum negotium*. He o amor trato de gente ociosa. Porque assim como outros tratão em negocios da vida, ociosos se occupão nos de amor. S. Chrystomo isto deu a entender,

Chryf.

quando definindo o mesmo amor, diz que he hũa payxaõ da alma, que estava livre de taes cuidados: *Amor est animæ vacantis passio*. Nasce este de tres principios, (como diz o mesmo Santo) ou da cousa que por si he digna de ser amada, ou da gratificação de quem se vê amado, ou de outras quaesquer merces recebidas. E Santo Augustinho diz, que procede o amor de algũa bondade, q̃ se representa no sogeito amado, & que não ha amar sem respeitar a algũa cousa que eleve o mesmo que ama. Ainda que este amor he imperfeito, & perfeito aquelle que se não leva de respeito algum, não esperando outro premio, nem querendo outro fim, mais q̃ amar.

August.

Esta perfeição de amor chegou elle a ter, quando disse, que amava a Deos só porque o amava. Dando a entender que erão de tanta finesa os quilates de seu amor para com Deos, q̃ o amava, não porque elle fosse seu Deos, nem porque morresse por elle em hũa Cruz, nem porque lhe houvesse de dar gloria, nem porque fosse taõ eterno, poderoso, & infinito,

nem

nem porque nelle houesse immensidade de todos os bens, nem por outro algum respeito; mas que sómente o amava, porque o amava. Querendo dizer, que dado caso, que elle não fora se u Deos, ainda que o não redemira, nemj morrera por elle, & ainda que lhe não houesse de dar gloria, nem outro algum galardão de seu amor, com tudo não houera de deixar de o amar, como o amava, & assim este seu amor não tinha outro fim, nem outro respeito, senão o mesmo amor, & amar por querer amar. Assim disse bem o Poeta profano, que o amor não tinha porque: *Quare non habet ullus amor*, não me perguntem porque quero, & amo, ou de que me pago, & & elevo, que o amor se he verdadeiro, não tem porque. A este proposito comparou Plutarco o amor à hera: *Amor est instar hederæ, semper invenit ubi se colligat*. O amor he como a hera, que trepa pelas paredes, que sempre acha aonde se pegue. Vereis hũa hera subir por hum muro a cima, pa mais do modo que tem para se arrimar, & prender, por onde sobe. Mas he hera, que indo crescendo, là acha aonde se pegue, & de q lance mão para se fortalecer. Assim faz o amor, que aonde quer que se emprega, là acha cousas a que se péga, & de q se satisfaz, & ainda que isso não seja manifesto a todos, elle alcança esses segredos: *Amor est instar hederæ*.

Consideração quarta.

Consideraõse no amor cinco notaveis segredos, & nelles se não differença o divino do humano, ainda que o fim de ambos seja diferente, respeitando hum ao Ceo, outro à terra. O primeiro effeito do amor he ferir o coração. Assim se sentio ferido o daquelle Divino Amante, que dizia: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa*. Feristesme minha querida alma, feristesme este meu coração, final certo de vos amar muito, porque coração ferido he fonte manancial, de que sempre está correndo amor. O segundo effeito do amor he,

- Cant. 4.* he, que rouba este mesmo coração, & o tira a quem ama: *Abstulisti cor meum*, trasladão os Settenta nas palavras referidas, que querem dizer, roubaste-me o coração. E Santo Ambrosio traslada: *Cepisti cor meum*, que vem a dizer o mesmo; porque quem ama não tem o coração em si, mas aonde lho roubãrão, & puserão em prisão. O terceiro effeito do amor he, que se rouba o coração alheyo, tambem faz entrega do seu deixo hum, & toma outro, faz troca igual. O Mestre do amor
- 1. Ioan. 4.* S. João declara este effeito, quando diz: *Qui manet in charitate, in Deo manet, & Deus in eo.* Quem tem caridade, fica de tão bom partido, que se tem amor a Deos, tãbem Deos lhe tem amor; se ama, tambem he amado; se Deos lhe roubou o coração, tambem elle roubou o de Deos; ambos ficão bem pagos, o coração do homem entregue a Deos, & o de Deos entregue ao homem. Como estava o do Apostolo S.
- Galat. 2.* Paulo quando dizia: *Vivo ego, jam non ego, vivit verò in me Christus*, como se dissera: Ainda que pareço que vivo, ninguem me julgue assim, porque Christo, a quem amo, me roubou o coração, & sem elle mal posso eu viver; com tudo vivo, porque vive em mim Christo, o qual quando me roubou este coração, juntamente me fez entrega do seu, & assim nelle, & por elle tenho vida. Daqui nasce o quarto effeito do amor, que he confiança, & fortaleza, para commetter grandes cousas, como mostrou o mesmo S. Paulo que a tinha, dizendo: *Omnia possum in eo, qui me confortat.* Como fuy cheyo de amor de Deos, logo fiquei forte, & generoso para commetter as mayores difficuldades do mundo; atrevo-me a grandes rigores, & apertos da vida, & posso com tudo, porque me ajuda, & conforta Deos, a quem amo; que o amor dà forças, & alento, para húa alma commetter grandes cousas. O quinto effeito do amor se chama Ectasis, hum pasmo, & admiração que se tem da cousa amada, ou seja considerando-se perfeições suas, ou que vehemencia do mesmo amor o ponha em desmayos. Diz Santo Ambrosio, que impaciencia do
- amor,

amor, arrisca muitas vezes a propria vida: *Si desideranti non contingit desiderabile, deficit in illud, & quasi ipsam deponit animam.* Se desejos não vem a ser senhores do desejado effeito, desfallece a vida, & quasi que a alma se arranca. David quando via que se lhe dilatava verse com Deos, dizia: *Concupiscit, & deficit anima mea in atria Domini.* Desejo verme nesse Ceo, & em quanto isto se me dilata, desfallece esta minha alma, & tem accidentes de morte. Estes são os cinco effeitos do amor; mas além disto, tem elle condições admiraveis, como he ser forte como a morte: *Fortis ut mors dilectio.* A morte tem isto, que nenhũa cousa lhe resiste, assim leva o grande, como o pequeno, assim o leão, como a ovelha, assim o elefante, como o mosquito. O amor ainda he mais forte, porque a morte (com ninguem lhe resistir) nunca teve atrevimento para acometer a Deos, & o amor acomete, não sómente o homem mortal, mas ao mesmo Deos immorttal, vencendo ao que tudo vence. Estas forças do amor declara S. João, quando diz: *In hoc cognovimus charitatem Dei, quoniam ille animam suam pro nobis posuit.* Nisto vemos quanto o amor rendeo a Deos, pois força do amor lhe tirou a vida, o que nunca a morte fiserá; & assim não sómente he o amor forte como a morte, mas muito mais forte que a mesma morte: esta como se a alma aparta do corpo, não tem alli mais que fazer; mas o amor não se aparta da alma, ainda que a alma se aparta do corpo depois da morte, ainda permanece, & vive: *Charitas nunquam excidit,* diz S. Paulo. Nunca a caridade deixa de ser. Acabarà tudo, mas ella não, cessarão as profecias, & emudecerão as linguas, deixarão todas as cousas de ser, mas ella não, porque o amor sempre vive, & acompanha a alma immorttal. Tem o amor assento, & lugar no coração, aonde se acende, & levanta fogo, que o abraza vivo. Este lugar do amor conheceo o Evangelista S. João, quando na ultima Cea não quiz ficar aos pés de Christo, nem a outra qualquer parte, senão junto ao seu coração,

Ambr.

Psal. 83.

Cant. 8.

1. Ioan. 3.

Cor. 13.

Ioan. 21.

coração, sobre o qual se reclinou para participar das chãmas, que delle sahião; & de tal modo ficou inflammado com esta vilinhança do amor, que dalli por diante não sabia falar senão em amor, nem de sua bocca sahião palavras, que não fossem cheas de amor.

Consideração quinta.

PIntouse antiguamente o Amor por varias figuras; mas a que hoje mais serve ao Christão, & mais lhe deve contêtar, he, que Christo Jesu posto em o Presepio, fica parecendo verdadeiro retrato do Amor; porque se este se pinta menino, menino se deixa ver o Salvador do mundo, dizendo delle Isaias: *Parvulus natus est nobis*. O Amor pintava-se com hũa venda nos olhos, que o não deixava ver. Christo nosso bem fez tanto por amor dos homens, que excedendo o modo, parecia que não via, nem se conhecia a si, vendo elle, & conhecendo tudo. Abaixouse a tanto, que abaixando-se a lavar os pés dos Discipulos, lavou os do proprio Judas, que o havia de veader. Nisto, & em outras mais coulas parece que se não conhecia; mas a tudo isto o obrigou o amor: *Propter miseriam inopum, & gemitum pauperum*. Pintava-se o Amor com azas em sinal da prestesa, com que acode ao que lhe importa. Azas tem o Amor de Christo, que com tanta diligencia procurou o remedio do mundo, como o tinha profetizado Malaquias, dizendo que nasceria o Sol da Justiça, & que em suas azas traria saude, & salvação: *Orietur vobis Sol Justitiae, & sanitas in pennis ejus*. Aquellas palavras dos Canticos: *Lampades ejus, lampades ignis, atque flammaram*, traslada outra versão que diz: *Alae ejus, alae ignis flammæ ejus*. As azas deste Senhor são de fogo, & chammas de immensa caridade, amor o faz ligeiro, & apressado; porque quem ama, corre para o que quer; & não corre sómente, mas voa; tem azas, & não quaesquer azas, mas azas de fogo, que he

velo-

Isai. 9.

Mal. 4.

Cant. 8.

velocissimo. Pintava-se mais o Amor com arco, aljava, & set-
 tas. Todos estes instrumentos tem Jesus para ferir, & affetear
 corações. Tem arco, como diz David: *Intendit arcum suū. Psal. 57.*
 Tem aljava, como diz Isaias: *In pharetra sua abscondit me. Isai. 49.*
 Sobre o qual diz Procopio: *Bona pharetra, ex qua tā sua- Procop.*
via educuntur amoris jacula. Soberana aljava a do divino
 Amor, donde se tirão tão suaves settas de divino amor: Tem
 settas, como diz o mesmo David: *Sagittæ tuæ acutæ, settas Psal. 44.*
 que não ferem o corpo, mas passaõ o coração, não rompem a
 carne, mas ferem a alma. Ferida destas settas chama a Alma
 Santa, dizendo: *Vulnerata charitate ego sum.* Ferida estou
 de divino amor, contente estou com a ferida, gloriosa com a
 chaga. Pois pintem ao Amor como quiserem, já com venda,
 já sem ella, já com frechas de ouro, já de chumbo, já com fô-
 gos, rayos, flores, & redomas de agoas cheirosas, que a estam-
 pa natural do Deos de amor, he Christo no Presépio, ou nos
 braços da Virgem. Salamão o pintou em hum carro precio- *Cant. 3.*
 so com o espaldar de ouro, as columnas de prata, o assento de
 purpura, a madeira de cedro, & no meyo sentado o Amor, que
 he Christo Jesu, enriquecendo o mundo cõ seu divino amor.

Diz Santo Augustinho, que dous amores fiserão duas ci- *August.*
 dades. O amor proprio fez hũa cidade na terra com tanta so-
 berba, que chegou a desprezar o mesmo Deos. E o Amor di-
 vino edificou a Cidade Celestial com tanta humildade, que
 chegou a desprezarse a si mesmo. A cidade da terra gloria-se
 em si, & nas cousas que em si tem: a celestial gloria-se no Se-
 nhor. Aquella ama suas vaidades, & esta só a Deos diz: *Dili- Psal. 17.*
gam te Domine. Aquella busca gostos entre os homens, esta
 os reprova, & entre Anjos busca os verdadeiros. Aquella quer
 mandar, & ser senhora, esta pretende obedecer, & servir, para
 chegar a reynar para sempre.

Amen.

Amendoeira.

Esperanças seguras.

Consideração primeira.

A Amendoeira he arvore, que na sagrada Eserittura se acha muitas vezes referida, encobrando mysterios profundos, como ella sabe encobrir seu fructo, & ser mysteriosa nelle. Assim o ter Jeremias aquella visaõ da vara vigilante, que outra versaõ diz que foi Amendoeira, cousa foi que então lhe deu muito em que cuidar, & depois muito em que entender aos Expositores sagrados. Como tambem escondem mysterio aquellas palavras do Ecclesiastico. Que florecerá a Amendoeira, pela qual os Padres antigos entendem o mesmo Christo. Emfim he a Amendoeira chea de altissimos segredos, & ainda que Gualfrido, & outros Autores queirão q̄ nella se signifiquem esperanças eternas, por conveniencias q̄ apontão; com tudo a commua opiniãõ tem, que ella he figura de esperanças bem fundadas, que promettem certos, & seguros bens; porque esta arvore não sõmente apregoa fertilidade em mostrar flores tanto na manhã da Primavera, mas tambem prognostica fartura de paõ, que esse anno se ha de seguir; porque escrevem os naturaes, que quando virmos as Amendoeiras carregadas de fructo, depois que lhe cahio a flor, he final de grande fertilidade, & abundancia de paõ, que esse anno haverá.

As flores em géral, como fica dito em o seu significado, dizem esperanças; mas porque as da Amendoeira apparecem primeiro que as demais, anticipando-se a todas para melhor vingarem o fructo, & se aproveitarem do primeiro Sol do Veraõ, que entãõ começa, saõ ellas figura das esperanças que se fundãõ bem.

A amendoa antes de ser madura, & prestar para se comer,
crece

crece devagar, & está mais tempo na arvore, que os outros fructos, sendo ella a primeira que sahio com flores, & ultimamente se recolheo. A sua casca interior he muy dura, & a de fóra muito amargosa, & emfim o fructo ainda que he doce, não se chega a comer sem trabalho; o fructo que apoz a esperança vem, devagar vem, & mais tempo se espera do que se goza. Nunca esse bem chega sem ansias, & cuidados, porque vencida húa difficuldade, se levanta outra, apoz hum inconveniente se segue outro, apoz húa tardança mayor tardança. Assim que este fructo se não colhe sem custar, & sempre custa muito, se se espera muito; muito cança, se chega devagar. Basta dizer o Espírito Santo, que a esperança que se dilata, afflige a alma. Doce he a amendoa, mas amargosa na casca. Dizia Diogenes, que não havia cousa mais doce, que a esperança; mas que o fructo della não se comia, senão depois de se provar em amarguras, visto que sem trabalho não chega o fructo que se espera.

Prov. 13.

Isto mesmo se deixa entender na vara que temos dito de Amendoeira, que Jeremias vio, a que elle chama Vigilante, vindo a concordar muito húa cousa com outra, porque como pela Amendoeira se signifique esperança segura, o mesmo he estar em vigia, que viver de esperanças; o mesmo he vigiar, que esperar; porque quem espera, sempre vigia com o pensamento, & como de hum alto ferro está atalayando o que póde vir; representando na imaginação o bem que espera, como se o tivera presente; pelo que delicadamente chamava Platão às esperanças, sonhos de quem está acordado. Porque assim como os que estão dormindo, sonhão hús que achão thesouros, outros que estão contando dinheiro, & com isso se alegrão: assim os que esperão, sonhão, & estando acordados, em outra cousa não cuidão, nem imaginão, senão em o que desejão, representando que já lhes chega esse bem, & entrão na posse delle. Quaes se estiverão sonhando, mandão, tirão, & dispõem, como de cousas possuidas, &

Jer. 1.

Plat.

tudo isto parecem sonhos, & suas esperanças o ficão sendo; de sorte que vigiar, & esperar tudo he hum, & hũa mesma cousa o ter visto Jeremias vara vigilante, que vara de Amendoeira. Senão quizermos dizer, que esta vara que elle vio de Amendoeira, erão segurissimas esperanças do Filho de Deos haver de encarnar cedo, & vestir-se de nossa humanidade; como alguns Authores qu' rem que se entẽdão por Christo nossa unica esperança, aquellas palavras do Ecclesiastes: *Florebit amygdalus*, que querem dizer: florecerã a Amendoeira. A qual tem cortiça amargosa, & o miolo faborosissimo; & Christo teve carne sujeita a amarguras, & teve Divindade cheia de toda a doçura. Esta singular Amendoeira entã se diz que mostrou flores, quando refloreceo em sua gloriosissima Resurreiçã, sendo primeiro secca, mortificada, & abatida em sua santissima Morte, & Payxão.

Consideraçã segunda.

O Lançar Jacob varas de Amendoeira no tanque, ou canal de agoas, aonde o gado hia beber: *Virgas populeas, & amygdalinas*, parece que foi indicio das esperanças, que fundava no favor do Ceo, que lhe tinha promettido grandes prosperidades; & bem se lhe seguiu o effeito de suas esperanças; pois o gado, diante do qual pusera as varas, se lhe multiplicou em tanto augmento. E quando em outro lugar o mesmo Jacob mandou aos filhos, que fossem mercar pão ao Egypto, & levassem alguns mimos ao Governador da terra, apontou logo, que dos licores levassem mel, & rezina aromatica, & dos fruttos nozes, & amendoas, em as quaes, sem advertir, parece que appresentava esperanças de ver ao filho, que era o mesmo Joseph, a quem mandava o presente, como succedeo, que dahi a pouco disse: *Vadam, & videbo, irei, & verei a este filho, que tanto desejava ver, & quasi por impossivel tinha ver.*

O florecer a vara de Aron, & dar milagrosamente amendoas, diz Santo Augustinho, que foi sinal, em que claramẽte mostrava Deos, como entre todos escolhia a Aron por Summo Sacerdote. Mas o mostrar Moyses esta mesma vara com folhas, & amendoas ao povo de Israel, que estava no deserto, parece que foi darlhe esperanças da possessão que havião de ter em a terra de Promissão, para a qual caminhavão, como diz David; que guiou Deos ao seu povo, com esperanças de gozarem tão boa terra; & por isso não temião aos inimigos, porque os asseguravão esperanças do Ceo: *Eduxit in spem, & non timuerunt.* Mas olhai, diz Santo Augustinho, como Deos responde às esperanças que vos dà, muito àlem do que podeis esperar das suas promessas. Muito mais dà do que promette: *Attendite, unum promisit Deus in virga Aaron, sed plura dedit.* Prometteo que a vara de quem escolhesse para Summo Sacerdote, milagrosamente lançaria flores: *Quem ex eis elegero, germinabit virga ejus.* Isto he o que prometteo, & mais não; & com tudo ao cumprir da promessa accrescenta mais, & muito mais: *Produxit frondes, & protulit flores, & germinavit nuces,* porque este he Deos, dar muito mais do que promette.

O mesmo Santo Augustinho diz em outro lugar, acerca desta vara, que nas mãos de Aron floreceo, que todos os que governão tem vara para reger, & castigar; donde o Apóstolo S. Paulo (que tinha espiritual governo) dizia aos de Corintho, que em a vara havia de ir castigar aos delinquentes. Porém hum só Senhor teve vara que floreceo, & deu fructo. E assim como a vara daquelle Summo Sacerdote floreceo em o povo dos Judeos, assim no povo gentilico floreceo outra vara excellentissima, que foi a Cruz de Christo, vara florida, & toda cheia de esperanças nossas, que só na Cruz se fundão bem. E que fructo he este que deu a vara? Amendoas, diz a Escriitura. Pois a amendoa fructo he de muito mysterio: na primeira casca amargoso, na segunda resguardado, & fortale-

Num. 17

Psal. 77.
August.

Num. 17

August.

I. Cor. 4.

cido, & no interior comer suavissimo, que sustenta, & conforta, dando saude, & vida. A Cruz à primeira vista mostra tormentos, dores, & penalidades, & quem diz Cruz, diz trabalhos, & afflicções, apoz isso já descobre fortaleza, & amparo, q̄ he do genero humano; he torre, & he castello, & espada com que o Senhor sopeou o mundo, & triunfou dos inimigos: àlê disso he muy suave, & saborosissima no fructo, que de si dà, como a Igreja canta em louvor da mesma Cruz, chamando doce Lenho, doce Planta, a que dà tão doce, & suave fructo: *Dulce lignū, dulces clavos, dulcia ferens pondera.* A casca da amendoa trabalhosa he de quebrar, o fructo facil de comer. O rigor da Cruz difficultoso he de passar, mas vencido elle, segue-se o gostar doçuras eternas, às quaes ninguem chega sem esperanças, q̄ sempre vai fundando na Fé, & caridade.

Acerca da vara de Amendoeira, que Jeremias vio, & depois lhe pareceo panela, ou caldeira cheia de fogo: *Quid tu vides? Ollam succensam.* Diz São Augustinho, que em lhe parecer vara de amendoas, foraõ significadas as esperanças da vida perduravel, & na panela de fogo morte eterna; porque diante de nossos olhos se nos põem sempre esperanças de vida, & juntamente temor da morte; a vida em as amendoas, que he o mesmo Christo, a morte na caldeira, que he o mesmo demonio. Se bem obrardes, comereis fructo de amendoas com Jesu Christo. Se mal obrardes, tereis lugar na caldeira, padecendo fogo eterno em compaphia do demonio.

Para a vida eterna, que he o premio da vida virtuosa, e para a vida eterna, que he o premio da vida virtuosa.

Flor de Amendoeira. Velhice do homem.

Consideração primeira.

DA flor de Amendoeira fala a sagrada Escriitura, quando no Ecclesiastes avila o Espirito Santo ao mancebo, que

que se lembre, que a mocidade passa de pressa, & a velhice vê a correr, trazendo junto a si a morte. E querendo significar isto por figuras, & metáforas, diz assim: *Florebit amygdalus*, *Gloss. impinguabitur locusta, dissipabitur cappari*. O que declarando a Glossa interlineal Lyrano, & S. Jeronymo dizem, que *Florebit amygdalus*, he o mesmo que dizer: *Caput incanescet*, florecer a Amendoeira, quer dizer, encherse o homem de cãs, & chegar à velhice: *Florem amygdali pro canis posuimus*, diz S. Jeronymo: Quando digo flor da Amendoeira, quero dizer as cãs do homem, & a sua velhice; porque a divina Escriitura costuma falar metaforicamente; & para dizer por figura que o homem envelhecerá, diz que a Amendoeira florecerá: *Florebit amygdalus*. Este he o sentido literal, q̄ estas palavras tem, & assim não ha que duvidar na significação dellas. As razões disso não as dão, pôde ser que seja huma dellas, o apressarse muito esta flor em vir antes que as outras; as cãs apressãose, & antecipaõse em vir aos homens, vem muito antes do que se esperão. Ou porque estas flores parecemse muito com as cãs dos homens; & a divina Escriitura quando quer dizer, que apparecem cãs em a cabeça do homem, diz que florecem cãs, como Oseas diz do peccador, que estando cheyo dellas, não entende que está perto da morte: *Canis floruerunt ei, & ipse ignoravit*. Como se dissera: Tem a cabeça cheia de cãs, como arvore que está cheia de flores, & elle não sabe disso. Aonde S. Jeronymo diz: *Multo tempore erravit, & nihilominus ignoravit senectutem*. O peccador toda a vida erra, & no fim della não sabe quão visinho está da morte. E porque do Justo se diz: *Canis hominis sapientia ejus*. Do peccador se pôde dizer: *Canis hominis stultia ejus*. É desta tal velhice, que se passa em vicios, como a mocidade, disse Daniel ao perverso Presbytero: *Inveterate dierum malorum*, o homem envelhecido em males.

Gloss.
Lyran.
Hieron.

Osea 7.

Hieron.

Sap. 4.

Dan. 13.

Consideração segunda.

O Utra ração desta flor significar velhice, póde ser, porque apparece ainda no Inverno, que as outras não se atrevem a sair. A velhice he Inverno das idades do homem, nella apparecê as cãs. Perguntarão a Solon hum dos sette Sabios de Grecia, que cousa era velhice, & respondeo: *Vitæ hyems*. He a velhice Inverno da vida. E Diogenes perguntado pelo mesmo, respondeo: *Vita brumalis, tempestatibus obnoxia*, he a velhice vida de Inverno fugeita a tempestades. Porque assim como no Inverno tudo são chuvas, frios, ventos, & tempestades, assim na velhice tudo são queixas, trabalhos, dores, molestias, & enfermidades. Que he o que disse David: *Amplius eorum labor, & dolor*, o mais que se passa da vida depois de certos annos, que o homem he velho, tudo he trabalho, & dor. He a velhice hum Inverno de adversidades, & tormentas grandes. E dizia Catão, que ainda que a velhice não tivesse nenhum mal consigo, bastavalhe ver os males, que vivendo o homem, cada dia vai vendo: *Quod diu vivendo, multa quæ non vult videt*. Quem vive muito tempo, vê muitas cousas, que não quizera ver. E sobre tudo, não ha mayor miseria para a velhice, diz Catão, que sentir os velhos, que por velhos são aborrecidos da gente: *Hoc in senectâ deputo miserrima sentire, ea ætate odiosum se alteri*. Isto julgo por cousa muito miseravel, sentir o velho, que na sua velhice he molesto, & pesado à gente, & por isso aborrecido della. Dizia hum Filosofo muito bem, que os velhos quanto mais vivem, mais se queixão, porque vem que tudo lhe vai para peyor: *Peculiaris querela est senibus de rebus in deterius prolapsis*. Perguntarão ao Poeta Alexis, indo hũa vez andãdo muito devagar, que fazia, & respondeo: *Paulatim morior*. Pouco, & pouco vou morrendo, dando nisso a entender, que os velhos não vivem, mas morrem devagar.

Consideração terceira.

A Velhice com tudo foi sempre muy venerada, & he bẽ que aos velhos se tenham devidos respeitos: *Tribuere plurimum senectuti debemus*, diz o Principe da eloquẽcia: Muito devemos attribuir à velhice, ou seja de honra com q̃a havemos de reverenciar, seja de favor, & socorro com que a devemos aliviar. Santo Ambrosio aconselha, que se faça muito caso dos velhos, & de sua conversação, por ser segura, & proveitosa: *Ut equalium usus dulcior, ita senum tutior est.* *Ambr.* Assim como o trato, & conversação dos iguaes he mais agradavel, assim a dos velhos mais segura; porque com sua doutrina, & bom exemplo dà ornato, & perfeição à idade juvenil. Se os que hão de passar por lugares perigófos, buscão quem os guie, & assegure, quanto mais devem os juniores em companhia dos velhos commetter o caminho da vida: *Quo minus errare possint, & à vero tramite virtutis deflectere.* *Ambr.* Para que commettão menos erros, & não se desviem do caminho da verdade.

A velhice se hoje não he estimada, & reverenciada, he porque està desacreditada, & não corresponde ao que se espera della. Dizia Catão Senior, que à velhice bastavão os defeitos da idade, para se lhe não accrescentarem os de malicia; porque estes afrontão, & aquelles não. Não he ignominia (diz elle) dizerse que o velho he fraco, comedor, impaciente, agastado, & esquecido: *Hæc ferre satis est*, bem he que se lhe sofra isto. Mas dizerse de hum velho, que he linguarês, murmurador, deshonesto, avarento, ou cousas semelhantes: *Hoc omnibus quidem fœdum, sed seni fœdissimum est.* Isto em todos he abominavel, & nos velhos muito mais sem comparação. Diz o Profeta Ezequiel, que vira por revelação muitas cousas, a que chama abominações, & entre ellas diz que vio huns velhos, que tinham as costas viradas ao Templo do

Senhor, & que estavam adorando ao nascimento do Sol: *Habentes dorsa contra templum Domini, & facies ad Orientem, & adorabant ad ortum Solis.* A isto chama elle abominação mayor de quantas tinha visto; porque homens que estando no fim da vida, então cuidão que começam a viver, & lhes nasce o Sol, & se lembrão dos vicios da mocidade, para na velhice os commetterem semelhantes, virando as costas a Deos, & a suas inspirações. Grande abominação esta! Que quando hum homem na velhice, que está com os pés na cova, houvera de olhar para o pôr do Sol, & cuidar que assim se lhe acaba a vida, como ao Sol o curso que vai fazendo, então olhe para o seu nascimento, & queira ser tão menino, como foi na meninice, grande abominação! E a estes taes parece que diz S. Paulo: *Nolite fieri pueri sensibus*, não queirais velhos tornarvos meninos, sentindo como elles sentem, & obrando como elles obrão, que se erros tem desculpa com a meninice, em os velhos são muito culpaveis, & de escandalo grandíssimo. Dizia Catão Mayor, que miseravel era a velhice, que só se defendia com palavras, & com ellas se authorizava. Velho sou eu, oitenta annos tenho, muita he a minha idade. Não são as cãs as que vos authorizão, não vos acreditão os muitos annos que vivestes, mas a vida que fizestes, o exemplo que de vós déstes, as virtudes que hoje tendes, & o modo com que procedeis. No demais dizerdes que sois velho: *Misera est senectus, quæ se oratione duntaxat defendit.* Nenhũa cousa (diz Cicero) se deve fugir mais em a velhice, que vicios, & maligno exemplo. Pois isto que he intemperança: *Cùm omni ætati turpe, tum senectuti fœdissima est.* Se este vicio he abominavel em a mocidade, muito mais o he em a velhice, antes mal dobrado, porque aos velhos he afronta, & aos mancebos causa de se perderem com semelhantes dissoluções.

1. Cor.

14.

Cat. Ma.

Cato.

Consideração quarta.

O Principal accusador, que os homens haõ de ter no Juizo de Deos, he o Tempo: *Vocavit adversum me tempus*, diz Jeremias. Como se dissera: O tempo chamarà contra mim os Ceos, o Sol, a Lua, as Estrellas, a terra, & o mar, a riqueza, a faude, & a fermosura, porque a todos darà por testemunhas de quaõ mal obrei, & me aproveitei do que Deos me deu. Dirà o tempo, que me servio tantos annos, que tive de vida, & que sendo velho, assim gastei o tempo, como na meninice; dar-se-ha por aggravado, & queixar-se-ha, que se o perdi na mocidade, o pudera ganhar na velhice. Por isso me accusarà: *Vocavit adversum me tempus*. A Ticyo fingiraõ os Antigos no inferno lançado no chaõ, & atado a cadeas de ferro, com hum Abutre, que de continuo lhe està comendo as entranhas, sem acabar de as comer, porque assim como as vai comendo, vaõ ellas crescendo. He o Abutre por particulares razões figura do tempo. Titio representa ao homem velho na idade, & verde em os vicios, que em muito tẽpo se naõ emenda, antes cresce nelles; pois a este tal Abutres lhe comaõ as entranhas em o inferno, sem se acabar seu tormento. Que se aos condenados daquelle lugar dessem a escolher hum instante de tempo, ou monarquias do mundo, lançaõ maõ do tẽpo, com que puderaõ mercar Reyno eterno; pois he lastima ver o pouco caso que se faz do tempo, & quaõ mal o passaõ muitos em a mocidade, & peyor na velhice: *An ignoras quoniam benignitas Dei ad pœnitentiã te adducit?* diz o Apostolo S. Paulo. Naõ sabes homem, que a clemencia, & piedade de Deos te leva pelos cabellos a seus pés, para que lhe peças perdaõ; & tu convertes merces taõ grandes em offensas suas. Certamente que nisto enthesouras ira para o dia do Juizo, tornando mal por bem, que he terribel sorte de ingraticidãõ, & perverso final de tua salvaçaõ; porque o naõ obrar hũa pessoa bem

Thren. 1.

Rom. 2.

bem na mocidade, que tem forças para servir a Deos, & melhor disposição para isso, perverso final he. Não se converter a elle na idade de varaõ, peyor final he; porq̃ tem já annos, & defenganos; tem mais experiencia do mal, & do bem, & o entendimento mais perfeito. Mas que hũa pessoa não dê fructo na velhice, & outono da vida, malissimo final he de sua salvação. Que aquelles que por sua idade haviaõ de ser Mestres, ainda não sejaõ principiantes, & os que haviaõ de dar exemplo, sejaõ pedra de escandalo; os que haviaõ de aconselhar aos outros, hajaõ mister ser aconselhados; & os que haviaõ de ser espelho, em que outros se vissem, sejaõ nevoas em que outros se confundaõ; malissimo final he, & deste se diga: *Cani effloruerunt ei, & ipse ignoravit.* Tem a cabeça cheia de cãs, como hũa Amendoeira que está florida, & elle não sabe que está velho, nem cahe na conta do estado em que está.

Osee 7.

Figueira.

Doçura.

Consideração primeira.

Plinius.

Nenhũa arvore he mais vezes referida na divina Escritura, que a Figueira, & de nenhũa falou mais vezes o Salvador do mundo em parabolos, & exemplos, que da Figueira; & assim não deixa esta arvore de ser muito mysteriosa. Pelo menos tem hũa particularidade, que nas outras se não acha; porque todas ellas, antes de dar fructo, apparecem com flores, & a Figueira sem dar flores, apparece com fructo. No que a deviaõ imitar os homens, que primeiro haviaõ de sair com obras, que deffem esperanças, & promessas de as fazer; porque a muitos tudo se lhes vai em prometter, & dar flores de esperanças, sem nunca apparecerem cõ o fructo das obras. Sejamos como a Figueira, que não promette, nem dà esperanças

ranças de dar fructo, senão que logo o dà, & apparece com elle, sem descobrir flores, em que ha enganos, & perigos do tempo.

Significa a Figueira doçura, & por isso os Gentios a dedicavaõ a Mercurio; & quando celebravaõ suas festas, costumavaõ offerecerlhe mel, & figos, em sinal da doçura que tinha no modo de dizer, & propor as embayxadas de Jupiter. Porém o significado de doçura que a Figueira tem, he notoria daquella comparaçaõ, tantas vezes referida, quando as arvores foraõ pedir à Figueira, fosse rainha dellas; ao que respondeo, que não podia desamparar sua doçura, & fructos muy suaves: *Nunquid possum deserere dulcedinem meam, fru-*

Pierius

Etusque suaves? De sorte, que só de doçura se jactou, & este he o significado que lhe compete, & os Doutores Theologos lhe attribuem, sendo Ireneo de opiniaõ, que a fruta, de q̄ nos primeiros pays comeraõ no Paraiso Terreal, não foi maçã, senão figos gostosos, & delectaveis à vista. E assim dizem os Santos, que nenhũa cousa nos lança fóra do Paraiso, & da graça de Deos, senão a doçura dos gostos da vida, que com serem falsos, & danosos, de alguns são buscados por doces, & seguidos por suaves; sendo elles por muy justas razões vedados aos que pretendem gostar fructos da gloria, fugindo a enganosas sombras de arvores, que significaõ doçura. Porque a desta vida (como diz Santo Augustinho) he transito-

Jud. 9.

Irenæus

ria, & se por tempos agrada, converte-se em amargura eterna, sendo os gostos limitados, & poucos. A verdadeira doçura està em Deos, & ninguem a conhece, senão quem a gosta: *Dulcis, & rectus Dominus*, diz David, & chama-lhe doce, porque só a suavidade de Deos he chea de sabor santo, que nos consola, & sustenta; que nos fortifica, & faz Bemaventurados, & a que nos dà firmeza, humildade, & caridade perfeitaissima; & os que chegaõ a alcançar estes bens pela suavidade que gostaõ de Deos, dizem com o mesmo Profeta: *Quonia suavis est misericordia tua.* Não basta Senhor, que

August.

Psal. 24.

Psal. 33.

ufais

ufais comigo de misericordia, senão que essa ainda para comigo he suave, pois me deixa cheyo de infinitas consolações, & deleites soberanos, de que minha alma goza.

Consideração segunda.

QUando a sagrada Escriitura quer dar a entender, que o povo de Israel algum tempo tinha paz, & quietação, que não era molestado de inimigos, diz que estava cada hum delles quieto debaixo da sua figueira gozando a doçura da paz. Mas então repousava esta gente debaixo da figueira, quando vivia em a doçura da sua Ley Velha, que (como diz Santo Ambrosio) era figueira, aonde tudo eraõ folhas, & quando muito fazialhes sombra; chamando S. Paulo à Ley antiga hũa sombra do que havia de ser. E daqui se fica entendendo a parabola, que o Senhor propoz na figueira, em que havia tres annos que o dono da vinha não colhia fruttos, pelo que mandando-a cortar, foilhe pedido por parte do quinteiro, q̄ esperasse mais hum anno, para ver se com a cultivarem bem, respondia melhor. A qual comparação (diz Santo Ambrosio) he muy apta, & conveniente à Synagoga, porque o povo Judaico com ração he comparado à figueira, que (como fica dito) se pagava muito da doçura da sua Ley, figueira em que tudo eraõ folhas, & nenhum frutto, que o Senhor colhesse della: pelo que chegou tempo em que por justo castigo foi esta figueira arrancada, & este povo ficou destruido para nunca mais ser Povo, nem Reyno, nem Sacerdocio.

Esta significação de doçura parece que tem a figueira, quando da parte de Deos promettia Moyses ao povo de Israel, que o havia de levar a hũa terra de todos os bens, que na vida se podiaõ desejar; & apontando alguns delles, dizia que era terra em que nasciaõ figueiras, oliveiras, & romãs: *Terra in qua ficus, & mala granata, & oliveta nascuntur.* Que em sentido mais alto parece significar Deos, haver de levar os seus

Ambr.

Hebr. 10

Ambr.

Deut. 8.

feus escolhidos àquella celestial terra de promissaõ, aonde tudo he doçura, paz, & conformidade, com abundancia de todos os bens, entendendo-se esta doçura em os figos, a paz nas oliveiras, & a conformidade em as romãs; bens que naquella soberana patria já mais hão de faltar. Tambem quando o mesmo povo de Israel se queixava a Moyses, q̄ o trouxera a hum lugar deserto, alheyo de toda a consolação humana; apontavão logo, que não achavão nelle figueiras, nem vinhas: *Qui nec ficum gignit, nec vineas*, como dando a entender, que não descobrião ainda alli a doçura, & alegria que esperavão ter, esta significada em as vinhas, & aquella em as figueiras.

Num. 20

Consideração terceira.

HE consideração de S. Jeronymo, acerca dos figos que Jeremias vio à porta do Templo, huns muito bons, & outros muito amargófos, que (seguinto se a simples historia) pelos figos bons se entendem as prosperidades, & bonanças q̄ Deos deu a Jeconias Rey de Israel, por obedecer a seus mandados, & seguir os côselhos de Jeremias; & pelos figos amargófos se entendem as afflicções, & amarguras, que padeceo Sedequias, por se não querer entregar a El-Rey de Babylo-
nia, como o mesmo Profeta lhe dizia. E assim, ainda aqui parece que significão figos doçura, & suavidades da vida; mas os amargófos significão amarguras da mesma vida. Porém em outro sentido quer este Sâto Doutor q̄ por estes dous açafates de figos se entendão os bõs, & malignos Christãos; aonde para os bons tem Deos aparelhado fruttos muy doces, & suaves, & para os perversos tormentos, & amarguras. De sorte, que sempre pelos figos se fica entendendo doçura. E não ha duvida, que nelles a achasse muita El Rey Artaxerxes, quando sendo vencido, & desbaratado em hũa guerra, chegou cançado a hũa aldeia, aonde lhe offerecêrão figos com pão de centeyo, & comendo-os elle com fome, disse suspi-
rando:

Hier.

Jer. 24.

Pierius.

rando: que nunca em sua vida comera manjar de mais doçura, nem que melhor lhe soubesse.

He tambem consideração de alguns Authores, que das plantas, a Figueira mais em particular he geroglyfico do homem; porque esta arvore, com ter as folhas asperas, tem os fruttos suavissimos: assim o Christão com ter o semblante grave, & severo, as suas obras hão de ser saborosas como o figo. A madeira da Figueira he rugosa, & pouco tratavel, mas por dentro he branda, & molle. O homem ainda que tenha as palavras asperas, as entranhas hão de ser brandas como feda, taes as devem ter os q̄ mandão, & governão: *Cumque sederem quasi Rex, eram tamen merentium consolator*, diz Job: A minha gravidade era de Rey, mas as entranhas de pay, que consolava aos tristes, & remediava aos pobres. A Figueira dà dous fruttos, & o bom Christão das obras que faz nesta vida, vivendo já tem premio, & doçura dellas; & na outra, vida, & eterno galardão: *Qui servat ficum, comedet fructus ejus*, diz Salamão: quem guarda a figueira, comerà os fruttos della. Ha figos que se guardão, & outros que depressa apodrecem. Hũas obras ha que se guardão por boas, outras que se não pódem guardar por perdidas. O peccador não guarda suas obras, porque saõ titulos de sua condenação, & ninguem quer guardar o que ha de ser seu barço, & cutello. O Justo guarda suas obras, como quem enthefoua riquezas, o qual não colhe moeda de ouro, a que não dè perpetua clausura; assim guarda o Justo a sua esmola, o seu jejum, a sua oração, & as suas lagrymas; do que já nesta vida recebe gofsto, prazer, & doçura; & na outra aquelle agradavel frutto, que Deos promette aos que nesta bem souberem obrar.

Iob 29.

Prov. 27.

Figos lampos.

Bens anticipados.

Consideração primeira.

D Os figos lampos fala o Profeta Miqueas no capitulo settimo de sua profecia, de baixo destas palavras: *Præ-* Mich. 7.
coquas ficus desideravit anima mea, que querem dizer: A minha alma desejou comer figos lampos. Tambem delles fala o Profeta Jeremias, quando gabando a bondade dos figos que vira em hum cesto à porta do Templo, diz, que erão tão bons, como costumão ser os figos lampos do primeiro tempo da fruta: *Calathus unus ficus bonas habebat nimis, ut solent ficus esse primi temporis*. Por estes figos se significão Hier. 24.
 bens anticipados, que vem antes daquelle tempo em que se podião esperar, como chamamos *Præcox sapientia*, saber anticipado, aquelle que ante tempo tem muitos meninos, aos quaes se anticipa o saber, & aviso; ainda que Marcial di- Marcial
 zia, que aborrecia esta sorte de moços avisados antes de tempo, porque os taes crescendo na idade, mostrão que não são o que no principio erão: *Odi puerulos præcoci sapientiâ*. O que se não deve entender pelo bom entendimento, que alguns mostrão de pequena idade, & conservão dahi por diante, mas por hum aviso leviano, & muito inquieto que alguns tem. Diz pois Miqueas, que desejou figos lampos, que erão Mich. 7.
 bens anticipados em o povo de Israel, cuidando que se aprefasse aquella gente a se dar de todo o coração a Deos, & que às invejas andassem a quem mais o havia de amar, obrando melhor, & servindo-o com mais cuidado. Estes bens anticipados desejou, por estes figos lampos suspirou, & succedeo-lhe pelo contrario, que não havendo emenda neste povo, nê colheo fructo nelle antes do tempo, nem a seu tempo, & assim se queixa o mesmo Profeta, dando hum grande suspiro: *Væ* Mich. 7.
mibi,

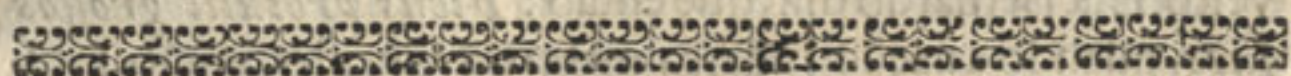
mibi, quia factus sum sicut qui colligit in autumno racemos vindemiae. Ah triste de mim! que me aconteceo, como àquelle que no Outono colhe cachos da vindima, & não acha nem sómente hum esgalho que coma; *Non est botrus ad comedendum.* Grande mal, notavel perda, que em tempo que a vinha deve estar chea de uvas para se vindimar, então se não ache hum cacho para se comer; não póde haver mayor miseria, nem desordem de cousas, que quando húa alma ha de responder a Deos com fructo abundantissimo, então esteja mais pobre, & falta delle! *Vae mibi.* Triste de mim, que sinto estes males como meus, porque sou hum dos jornaleiros que tracto da culturação desta vinha, & sinto na alma não ver fructo nella, nem antes de tempo, nem a seu tempo: *Præcoquas ficus desideravit anima mea.* Palavras estas, que a seu proposito podem dizer por si os que deseão, que se lhes anticipẽ alguns bens da vida, & vem que lhes faltão. E com mais razão as devem dizer, os que esperando bens, recebem males, & perdas, que não imaginavaõ.

Consideração segunda.

DEve-se considerar, que os bens desta vida, parecem q̃ para huns se apartaõ muito, & para outros sempre tardaõ, & nunca chegão. Anticipaõse para os ricos; & fogem dos pobres; antes de tempo vem aos grandes, & poderosos do mundo, & em nenhum tempo entraõ em casa do afflicto, & miseravel. Em nascendo os filhos de gente rica, & poderosa, os bens se lhes vem chegando, as heranças, os morgados, as rendas, & possessões, de sorte, que pelos grandes estaõ nesta vida esperando bens, & prosperidades; & pelos pobres, & necessitados esperaõ pobresas, miserias, trabalhos, & perseguições. Pois que fim ha isto de ter, & em que ha de parar? Grande consolação para os pobres do mundo. Que se pelos ricos estaõ esperando mais riquezas, & bonanças da vida, pelos pobres

pobres está esperando Christo Jesu, para ser seu Capitão, & para os remediar, & sustentar. Aos ricos anticipaõse bens da terra, mas aos pobres apressa-se Jesus, para os amparar, & socorrer; & mais quero eu, que se apresse Jesus, para me acodir com sua misericordia, que o mundo para me encher com suas abundancias. Estas me faltem, porque possua a meu Deos; nunca me estas venhão, se com ellas virem, ha Deos de deixar de vir a minha casa: *Similis est dilectus meus caprea, hinnuloque cervorum*, dizia a Alma Santa. O meu querido Esposo he semelhante à corça, & ao cervo das montanhas. Pois desse modo correrá muito? Não haverá quem o alcance indo apoz elle? Mas não vos enganeis, que meu Esposo corre, & voa como gamo; voa, & corre para me acodir, & socorrer; ligeiro he, para que vendo minha necessidade, seja depressa comigo. A sua ligeireza não he para fugir de mim, mas para correr a mim, que como de longe vê minhas miserias, mais depressa vem a me remediar, do que eu me apresso em lhas representar.

Cant. 2.



Figos verdes.

Frutos sem proveito.

Consideração primeira.

TRes vezes se fala em a divina Escrittura em figos verdes, debaixo desta palavra *Grossus*, & são aquelles que vem juntamente com as folhas, & pela mayor parte cahem no chão antes que amadureção, com qualquer vento que os abala, dando lugar a que outros figos cresção, & cheguem a ser maduros, o que elles não tem. Por isso no capitulo sexto do Apocalypse se diz, que cahirão Estrellas do Ceo, como se forão figos verdes, que com facilidade despede de si a figueira, quando algum pé de vento grande a move: *Stellæ de celo ceciderunt super terram, sicut ficus emittit grossos suos,*

Apoc. 6.

oidia

O

cum

210 FIGOS VERDES. FRUT. SEM PROV.

Nabũ 3.

cum à vento magno movetur. O mesmo diz o Profeta Nahum, falando da destruição de Ninive, que se não poderia evitar, por grande que fosse a fortaleza de seus muros, & castellos: *Omnes munitiones tuæ, sicut ficus cum grossis suis: si concussæ fuerint, cadent in os comedentis.* Por estes figos

Anselm.
Hieron.

verdes, que não chegam a ser maduros, quer Santo Anselmo, & S. Jeronymo, seião significados fruttos sem proveito; assim declara Anselmo aquellas palavras dos Cantares: *Ficus protulit grossos suos.* Sahio a figueira a luz com os seus figos verdes, pelos quaes entende os fruttos sem proveito, que deu a Synagoga, significada na figueira; a qual guardando a sua Ley Velha, segundo carnal entendimento, nunca chegou a amadurecer com seus fruttos: *Quia neminem ad perfectum adducit lex*, porque a ninguem levava aquella Ley a estado de perfeição. E S. Jeronymo explicando as mesmas palavras:

Hieron.

Ficus protulit grossos suos, diz: *Veteris legis præcepta deciderunt, intellige, ut inanes fructus.* Cahirão, & ficarão sem valor os preceitos da Ley Velha, como fruttos sem proveito. E S. Bernardo diz, que então:

Bernar.

Ficus protulit grossos suos, quando a nação Judaica matou a Christo, então mostrou esta maligna figueira os seus figos verdes, quando diante de Pilatos disse: *Crucifige, crucifige eum.* Então os mostrou, quando na Cruz lhe davão a beber fel amargofo. Então os mostrou, quando claramente manifestou seu odio, sua malicia, sua maligna inclinação, & seus grosseiros entendimentos.

Luc. 23.

Ioan. 19.

Mat. 27.

Consideração segunda.

Bernar.

O mesmo Santo quer tambem que por estes figos verdes se entendão imperfeições; porque assim como aquelles por fruta imperfeita não chegam a amadurecer, assim os actos imperfeitos não chegam a prestar, & adquirir o estado de perfeição, a que erão dirigidos. Pelo que se podem chamar figos verdes os imperfeitos Christãos, frios em a caridade,

tibios

FIGOS VERDES. FRUT. SEM PROV. 211

tibios em o fervor do espirito: *Cujus fructus adhuc grossi, & terreni.* Cujos fruttos ainda são grosseiros, & tem muito da fez da terra; gente que primeiro que tudo não sabe buscar a Deos, como diz o Apostolo: *Primum querite Regnum Dei, & justitiam ejus.* Só cuidão nas coulas que são do mundo, os maridos como hão de contentar as molheres, & ellas a elles. Mas então chegão esses fruttos a ser maduros, quando o serviço de Deos se antepõem a tudo; quando em tudo se obra bem, & se fazem as coulas em Christo, & por amor de Christo; porque sem elle não se póde fazer fructo que seja de proveito, como o mesmo Senhor disse: *Sine me nihil potestis facere.* E para este fructo ser proveitoso ha de ser feito com amor, & de puro coração: *De corde puro, & conscientia bona, & fide non ficta.* O mesmo Apostolo diz, que fructo he este naquellas palavras: *Fructus spiritus charitas est.* O fructo do espirito he a caridade. Como se desta fonte tudo manasse; porque da caridade procedem todas as graças, como são: *Gaudium, pax, longanimitas, benignitas, fides, mansuetudo, &c.* Estes são os fruttos que nascem da caridade; prazer da alma, quietação, & sossego della, longanimidade, benignidade, fé, mansidão, continencia, & castidade. Aonde diz Santo Augustinho: *Quis autem bene gaudet, qui bonum non diligit, unde gaudet?* Como póde ser ter hõa pessoa gosto de algũa coula, se não houver amar algum bem, donde proceda esse gosto: *Quis pacem veram nisi cum illo habere potest, quem veraciter diligit?* Quem póde ter verdadeira paz, senão com aquelle, que verdadeiramente ama. Quem he misericordioso, senão aquelle que ama o mesmo, de quem se cõpadece? Pois para que nossos fruttos sejaõ de proveito, sejaõ de amor, & caridade perfeita, como diz o Apostolo: *Fructus spiritus charitas est.*

1. Cor. 7.

Ioan. 15.

1. Tim. 1.

Galat. 5.

August.

Galat. 5.

Folhas de figueira. Penitencia.

Consideração primeira.

Ireneus **P**Elas folhas da figueira, quer Ireneus; que se entenda a penitencia, tirando este significado do segundo capitulo do Genesis, quando Adão, & Eva se vestirão de folhas de figueira: *Consuerunt sibi folia ficuū*. Peccarão ambos, indo contra o preceito de Deos, & tendo-o ambos offendido, tratarão de fazer penitencia de seu peccado, mortificando seus corpos cõ a asperesa do vestido, & lançando os olhos às folhas das arvores, que havia naquelle lugar de tanta frescura, achãrão que entre todas, as da figueira erão asperas, & rigorosas, convenientes para a penitencia que querião fazer, por isso: *Consuerunt sibi folia ficuū*, de folhas de figueira, que cõseirão hñas com outras, fiserão vestido, de que se cobrirão, para se mortificarem. Naõ lhes faltavaõ outras grandes, & fermosas, de que se aproveitassem para esta obra, mas todas erão brandas, & macias a respeito das de figueira; estas lhe convinhaõ para seu intento, & as outras naõ, porque tratavaõ de cobrir o corpo de penitencia, & a alma de virtudes, de que estavaõ despojados.

Consideração segunda.

A Alma em peccando fica nua da graça de Deos, & vendo-se neste estado, deve procurar cobrirse de cousa que a agasalhe, & vista sua pobreza. Para isto não ha melhor vestido, que o da penitencia, do qual deviamos todos andar cubertos, porque com a penitencia se encobrem peccados, & ditófos aquelles que com ella encobrem os seus, como diz David: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates,*

Et quorum tecta sunt peccata. Bemaventurados aquelles cujas maldades estão perdoadas, & cujos peccados estão cubertos. O que Origenes declara excellentemente, dizendo, que pelo Bautismo se perdoão as maldades, & estas se cobrem ao diante com a cappa da penitencia amargosa: *Remittuntur iniquitates per sanctum Baptisma, teguntur per amarum peccati pœnitentiam* Perdoãse as maldades pelo santo Bautismo, cobremse com a amargosa penitencia do peccado. E Didymo a este proposito diz: *Beati quorum tecta sunt peccata, qui legi obtemperantes, quamprimum pœnitentiam agunt.* Ditólos aquelles cujos peccados estão cubertos, os quaes obedecendo à ley, fazem logo penitencia, com a qual se vestem, & deixão de andar nus. E ha-se de advertir dizer este Author, que a penitencia se ha de fazer logo; porq̃ quando a alma dilata fazella logo, & tarda em se adornar deste vestido, depois sente o mal que fez, como o sentia aquella que lembrada de quão mal se soubera entender algum tempo, q̃ não dera por inspirações do Ceo, & se mostrara obstinada, & ingrata a seu Creador, repetia com magoa sua as mesmas palavras de obstinação, com que então respondia a Deos: *Expoliavi me tunicâ mea, quomodo induar illâ?* como se differa: Se eu de meu livre alvedrio, quando Deos me chamava, lancei de mi toda a mortificação, & actos de bem obrar, pelos quaes podia vir a entrar na verdadeira penitencia; se lancei de mim a tunica da penitencia com que me pudera cobrir, & não andar nua; se cheguei a estado que me contento de minha confusão, & miseria, & fujo de toda a obra porque pudera merecer, como tornarei ao que deixei, ou como me vestirei da roupa que despi por vontade minha? E este não querer a alma tornar-se a cobrir deste vestido, & mostrar-se alhea de fazer penitencia, he o peyor estado a que póde chegar. E he ameaça que Deos faz ao peccador que se não quer converter a elle, como por Oseas diz, que attente cada hum por sua alma, & responda às inspirações do Ceo: *Ne fortè expoliam*

Origen.

Didym.

Cant. 5.

Oseas 2.

eam nudam, & statuam eam secundum diem nativitatis suae. Olhe a alma como se dà comigo, & o caminho que leva com suas ingratições, não chegue a estado, que estando nua, eu a despoje, & a deixe como o dia em que nasceo. No que se devem ponderar duas cousas, a primeira, que ha Deos de deixar nua a alma; & a outra, que a ha de despojar. Nua fica a alma que commette peccado, mas algũas ha, que estando nelle, não deixão de fazer algũas obras boas; jejuaõ, dão esmolas, ouvem Missas, frequentão os Officios Divinos, porèm almas ha, que além de estarem nuas pelo peccado, nenhũa obra boa fazem; & fazem todas as que de males pódem commetter, tendo grande fastio, & aborrecimento às cousas do Ceo. E esta he a tunica de que Deos chega a despojar hũa alma: *Ne fortè expoliam eam nudam*, que he o mais miseravel estado a q̄ hum peccador póde chegar, desamparallo Deos de todo, em pena dos peccados que precederão, indolhe pouco, & pouco diminuindo os auxilios sufficientes que lhe dava. Este miseravel estado declara Deos por Joel, usando de hũa metafora da figueira, a qual quando alguem descarnasse, & tirasse a casca, que de fóra tem, deixando a nua, com lhe tirar esta tunica lhe ficava tirando a substancia, & a mesma vida: *Ficum meã decorticavit: nudans spoliavit eam, & projecit.* Esta arvore he qualquer alma Christã, que lança de si a tunica da penitência, & quer ficar nua, sem graça, sem virtude, & sem vida, como figueira sem a tunica exterior: *Ficum meam decorticavit.* O peccador (diz Deos) deixou a alma nua, & despida, & com a por neste estado, elle mesmo a despojou: *Nudans expoliavit eam*, fez-se incapaz, & inhabil para fazer qualquer boa obra, que he a ameaça de Deos muito para temer.

Joel I.

Phil.

Carp.

Cant. 6.

Com este vestido da penitencia quer Deos ver vestida, & adornada qualquer alma Christã; & nota singularmente Philo Carpacio, que esta he a rafaõ, porque quatro veses diz o Esposo Divino à Alma Santa, que se vire a elle, porque quer ver o seu rosto, vestido, & concerto: *Revertere, revertere Sulamitis,*

Sulamitis: revertere revertere, ut intueamur te. Quatro vezes diz que se vire a elle, que são quatro vocações com q̄ Deos chama a alma à penitencia. E assim verte elle deste modo as mesmas palavras: *Convertere, convertere Odollamitis, convertere, convertere, ut intueamur te.* Quatro vezes diz este Author chama Deos a alma à penitencia. Odollamitis quer dizer, testemunho em a agua, & na agua da regeneração confessa o penitente o mysterio da Santissima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo. Para fazer esta confissão a chama tres vezes, & feita ella, a chama a quarta vez para a santa conversação, & conservação da graça, pela qual mereça gloria, como se lhe dissera: *Converteivos alma por penitencia ao conhecimento, & confissão do Padre, converteivos ao Filho, converteivos ao Espírito Santo.* E por fim converteivos dos caminhos que antes seguieis ao estado da innocencia, & ao exercicio de boas obras, & augmento de todas as virtudes; cõ este ornato, & enfeite fereis digna de que as mesmas tres Pessoas olhem para vòs, & vos daremos o premio que merecerdes: *Ut intueamur te.*

Consideração terceira.

A Penitencia que Santo Augustinho chama máy de todos os bens, he a primeira virtude que Christo prégou no mundo, hum dos perfeitos dões que descendem do Pay dos lumes, como diz S. Gregorio, he renascença da alma, méfina de males, diluvio em que se afogão peccados, despesa de lagrymas, armas contra o demonio, & espada que lhe corta a cabeça, esperança da salvação, chave que abre as portas dos Ceos, que o peccado fechou, remedio de peccadores, q̄ não sómente apaga o delitto, mas grangea premio, mudando vicios em virtudes. Acompanha-se a penitencia de confiança, & quem a fizer, seguramente póde apparecer diante do Tribunal da Divina Justiça; mas nem por isso deve o peni-

August.
Jac. I.
Gregor.

Chryf.

tente dar-se por seguro, mas ser acutelado, que assim o diz S. Chryfostomo: *Pœnitentia nullum reddat securum, sed cautum.* Ninguem com fazer penitencia se tenha por seguro, antes seja acutelado.

Em casa da penitencia ha diversos officios; porque alli se acha o Promotor da justiça, que he hum pensamento accusador do delitto, que o peccador commetteo; a testemunha he a mesma consciencia, que não sabe encobrir a verdade. O algoz que sempre executa castigo, he o temor que atormenta a alma do delinquente, & delle procede a contrição, as lagrymas, & os gemidos. Tambem se alli acha o odio do peccado, & o amor de Deos, que são as duas principaes cousas, que fazem a verdadeira penitencia, como diz Santo Augustinho: *Pœnitentiam certam non facit nisi odium peccati,*

August.

& amor Dei. E a verdade he, que não pôde haver verdadeira penitencia aonde se não acha aborrecimento do peccado, & amor de Deos, que está firme em o não tornar mais a of-

Gregor.

fender. Assim diz S. Gregorio, que aquella penitencia he boa, a qual aborrece males commettidos, & chora os passados de forte, que nunca mais commetta os que chorou. E assim nenhũa outra cousa he penitencia, senão chorar erros passados, & não commetter de novo outros, que haja de chorar,

Gregor.

como diz S. Gregorio: *Pœnitentiam agere est perpetrata mala plangere, & plangenda non perpetrare.* Pelo que o penitente que chora peccados, & juntamente os torna a commetter, ainda não começou a fazer penitencia. Nem se envergonhe de a fazer o que se não envergonhou de peccar, q̄ se assim o fizer, não deixará Deos de aceitar penitencia de quem a elle se converte, nem elle costuma pedir conta do q̄ por penitencia perdoou. Nem ha tão grande culpa, que pela penitencia não alcance perdão.

Aponio.

Aponio diz, que está Deos de continuo com os olhos longos esperando por nossa penitencia, & assim quer este Au-

Cant. 2.

thor, que se entendão aquellas palavras dos Cantares: *En ipse*

ipse stat post parietem nostrum respiciens, &c. Porque está Deos esperando por nós, & chamandonos para a penitencia, detraz da parede de nossa incredulidade, & dureza de nossos corações: *Post parietem incredulitatis nostrae, pravorūque operum nostrorum expectat nos Deus, & vocat ad penitentiam.* Este mesmo Author quer que a penitencia seja aquelle precioso Nardo, de que a Alma Santa diz: *Dum esset Rex in accubitu suo, nardus mea dedit odorem suum.* Cant. 1. Porque a penitencia he de suavissimo, & muy agradavel cheiro à vista de Deos, & então lhe agrada mais, quando o Celestial Rey da Gloria descança em a humildade da carne: *In humilitate carnis accumbente Rege.*

Consideração quarta.

T Ambem he de ponderar que a penitencia tem dous gemidos, que dà ao Ceo, & despede a Deos, os quaes são figurados em os dous pombinhos, ou par de rolas que se offerenciação pelo peccado; hum, & outro em offerta, & sacrificio a Deos. O primeiro gemido da penitencia he aquelle que o penitente dà pelo peccado que commetteo: do outro faz sacrificio a Deos, quando se doe, & tem grande pesar do bem que deixou de fazer. Dous gemidos deve dar o peccador convertido, hum porque não fez o bem que era bem fazer; o outro, porque fez o mal que foi mal feito fazer; por isso pois mandava Deos no Levitico, que pelo peccado se offerencesse hũa rola, & outra em sacrificio. Levit. 5.

Estes dous gemidos parece que deu Job em figura do peccador, quando disse: *Unum locutus sum, quod utinam non dixissem: & alterum quibus, ultra non addam.* Job 39. Hũa cousa disse, que prouvera a Deos que não differa, da outra prometto de me emendar, & não tornar a cair nella, como se differa: Hum delitto commetti, de que me pesa muito, pelo qual dou hum gemido ao Ceo, & outro dou pelo bem que deixei de fazer

218 FIGUEIRA BRAVA. TEMPERANCA, A.
fazer, estando fóra da graça de Deos, & sem luz do Ceo; mas
de hũa, & outra cousa prometto emenda: *Quibus ultra non
addam.*

S. Bernardo diz, que a alma penitente he aquella, *Quae
ascendit per desertum sicut virgula fumi.* Sóbe esta pelo
deserto de seus peccados, lembrando se do desamparo della,
sóbe como lavareda de fumo: *Quia per plures peccatorum
species tanquã fumus de thuribulo, per plura foramina de-
rivatur.* Porque essa mesma penitencia pelas muitas varie-
dades dos peccados, qual cheiroso fumo vai saindo vaporádo
como por diversas partes do thuribulo; & ainda que o fumo
não tem resplendor, com tudo tem cheiro suavissimo, que só-
be às nuvens, & tal o tem a penitencia. Que assim como que-
brando a Magdalena o vaso aromatico, para ungir com elle
os pés de Christo, diz o Evangelista S. João, que a casa toda
ficou recendendo com a suavidade daquelle cheiro: *Impleta
est domus ex odore unguenti.* Assim do cheiro suave da pe-
nitencia se enche a terra, enche-se o Ceo, & o mesmo Deos
se agrada muito do sacrificio, aonde lhe se offerece incenso
no thuribulo da penitencia.

Ioan. 12.

Figueira brava.

Temperança.

Consideração primeira.

O Nome que esta arvore tem, apregoa quem ella he: *In-
util, infruttuosa,* & nem boa para dar fructo, nem pa-
ra fazer sombra. Os Latinos lhe chamão *Caprificus*, que en-
tre nós quer dizer, figueira brava. Tem esta de tempo antigo
(como diz Pierio tratando della) significado de Temperan-
ça, por hũa particular virtude, que a experiencia nella des-
cobrio, & he, que atando-se hum ramo desta arvore ao pes-
coço do touro, por bravo, & feroz que seja, perde a bravesa,

Pierius.

&

& se torna manso. Quiserão pois os Antigos, que arvore que tem virtude para temperar a ferocidade de tão furioso animal, fosse geroglyfico da temperança, que refrea os desordenados appetites do homem, que esta he a diffinição que Santo Augustinho lhe dà: *Temperantia est affectio coercens, & cohibens appetitum ab iis rebus, quæ turpiter appetuntur.* He a temperança hum affecto da alma que refrea, & subjuga o appetite daquellas cousas que se desejão mal; de modo, que o dom desta virtude consiste em resistir aos malignos desejos, que nos apartão da Ley de Deos, & do fructo de sua bondade, que he vida bemaventurada. He o seu dom despirnos do antigo Adão, & renovarnos em Deos, como diz S. Paulo: *Exuamus nos veterem hominem, & induamus novum.* Seneca diz: *Temperantia voluptatibus imperat, alias odit, atque abigit, alias dispensat, & ad sanum modum redigit.* A temperança como rainha em seu throno, he senhora que domina sobre gostos, & prazeres, a huns aborrece, & desterra de si, com outros dispensa, & os faz sofriveis com os reduzir a modo não vituperavel; porque só ella sabe o modo que nelles se ha de ter, não quanto os homens queirão, mas quanto a modestia permite: *Necesse est in immensum exeat cupiditas, quæ naturalem modum transiit.* Appetites que não sabem ter modo, nem meyo, de necessidade hão de ir sempre avante, sem terem termo, nem fim. Porque o modo das cousas tem seu fim bem ordenado, vaidades, & appetites das cousas não sabem ter fim limitado. Os que se dão a sobejos gostos, vem a telos por costumes de que não podem carecer, & por isso são miseraveis, porque chegarão a estado, que suas sobegidões vierão a ser suas necessidades. E assim estes já não gozão, mas são escravos de seus gostos. Santo Ambrosio diz, que na temperança se encerrão muitas mais virtudes, como sossego do espirito, mansidão da alma, graça de bom governo, cuidado de tudo o que he bem, & consideração do que he melhor. Diz mais, que tal ordem devemos ter em nossas cousas,

August.

Coloss. 3.
Senec.

Senec.

Ambr.

220 FIGUEIRA BRAVA. TEMPERANCA.
coufas, que pela virtude da temperança começemos a lançar
nossos fundamentos, a qual por se acompanhar da quietação
da alma, afugenta de si a maldade, escolhe o seguro, & busca
o honesto, o honroso, & agradavel a Deos,

Consideração segunda.

- August.* **C**onsidéra Santo Augustinho, que a temperanea se acõ-
panha de tres virtudes, que são clemencia, modestia,
continencia. E definindo a cada hũa dellas, diz, que a cle-
mencia he virtude, pela qual os corações temerariamente in-
dignados se refreão com mansidão, & brandura. E a modestia
he virtude, pela qual o pejo honesto alcança firme, & muy
nobre authoridade; & a continencia virtude, pela qual nossos
desejos são governados com a luz de louvavel conselho. S.
Bernar. Bernardo diz, que da temperança he fugir a prosperidades,
& sofrer varonilmente as coufas adversas: *Temperantia est
prospera declinare, & adversa viriliter tolerare.* E S. Gre-
Gregor. gorio Nisseno affirma, que a austera, & continente vida, he
Niss. guarda dos bens que a temperança possue: *Austera, conti-
nensque, & aspera vita, fit custos bonorum temperantia.*
Chryf. S. Chrysofomo diz, que nunca esta virtude tão excellente se
alcança com ociosa, & regalada vida, mas com muitos traba-
lhos, muita mortificação, fervor, & amor de Deos: *Neque
unquam otio temperantia paratur, sed multis sudoribus.*
1. Cor. 9. Para a alcançar, dizia S. Paulo, que usava de grandissimos ri-
gores para consigo: *Castigo corpus meum, & in servitu-
tem redigo.*

Prov.
14.

Temperança quer Deos que a tenhamos, assim no tempo-
ral, como no espirital, assim em gostos humanos, como em
os divinos; porque apoz os humanos costumão vir lagrymas,
como se diz nos Proverbios: *Extrema gaudii luctus occu-
pat.* Apoz prazer se segue pranto. E apoz os espirituales se
hão de temer tentações, que nunca faltão. Por isso quer Deos,
que

que os seus servos vão sempre attento, & que quando tiverê algum gosto da alma, juntamente tenhaõ temor: *Exultate ei cum tremore*, diz o Profeta David: Alegraivos com ter- *Psal. 2.*
des igualmente temor. Contentes hjaõ os Apostolos em a na- *Mat. 8.*
vegação que faziaõ, pois levando comfigo a Christo por pi-
lotõ da nao, se davaõ por seguros, eis que depressa se vem
perturbados com tormenta desfeita, que foi necessario re-
correr ao favor divino: *Domine salvanos, perimus*. Para se
lhes dar a entender, que no mayor gosto, & tranquillidade do
espírito se ha de temer mayor perturbação. Assim dizia o
Anjo a Tobias: *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut* *Tob. 12.*
tentatio probaret te. Porque vòs Tobias ereis aceito a Deos,
foi necessario que tentações provassem vossa virtude, porque
quando esta he mais favorecida com auxilios celestiaes, não
lhe haõ de faltar tentações em que mostre suas excellencias.

Consideração terceira.

SEndo a figueira brava figura da Temperança, diz della
Plinio: *Caprificus immunis est omnibus morbis, & in- Plinius.*
juris, que accidūt arboribus. Com esta arvore ter inutil, &
infrutuosa, hũa excellencia tem, que não se acha em as ou-
tras, por boas que sejaõ. A figueira brava he izenta de todos os
contágios, doenças, & injurias, que succedem às outras arvo-
res. Todas ellas tem contrarios que lhes fazem mal, sejaõ bi-
chos, sejaõ males do tempo a que estaõ sujeitas, porèm a fi-
gueira brava he izenta, & como privilegiada entre todas. Es-
tas são as prerogativas da Temperança, que a todas as virtu-
des se avantajaja, não ter contrario que a vença, & lhe faça
mal, nenhum maligno costume se lhe péga, he virtude izen-
ta de males, pela qual os homens ficaõ superiores a todos os
inimigos da alma, & habeis para participarem bens immor-
taes. Assim diz Santo Augustinho: *Per temperantiam re- August.*
bus spiritaliter pulchrioribus, & incorruptibiliter sua-
rioribus

viuoribus coaptamur. Pela Temperança nos applicamos a cousas que espiritualmente são mais fermosas, & incorrupti-
Bernar. velmente mais suaves. Por isso S. Bernardo diz, que a Vida de Christo nosso bem he espelho da Temperança: *Cujus vita speculum temperantiae.* E que esta se acha em toda a Vida de Christo, & que só se devem chamar temperados: *Qui illum imitari student,* aquelles que procurão imitar sua vida. A esta virtude chama este Santo santificação, & assim diz sobre aquellas palavras do Apostolo S. Paulo: *Hæc est enim voluntas Dei, sanctificatio vestra.* Diz que esta palavra *Sanctificatio,* he o mesmo que Temperança: *Sanctificationem pro temperantia ponit Apostolus.* Porque esta virtude he a que nos santifica, a que nos apura, & engrandece, esta a que na peregrinação desta vida nos guia direitos às partes do Ceo.

I. Thef. 4

Bernar.

Figueira douda.

Vaidades.

Consideração primeira.

Luc. 19.

Hieron.

HE commua opiniaõ, que o Sicomoro (arvore em que Zaqueo subio para ver a Christo) he a mesma a que chamamos figueira douda, da qual diz S. Jeronymo, & Eucherio, que por ella se significaõ vaidades do mundo, as quaes põem debaixo dos pés aquelle que sendo pequeno, como Zaqueo em a humildade, & vil opiniaõ, que de si mesmo tem, tocado de bons pensamentos se levanta sobre si, & sobre toda a prudencia, & sabedoria da terra, para ver a Christo, & ir em seu seguimento. A figueira douda tem boas apparencias, & representação de dar fructo, como as arvores que o dão bom; mas tudo nella he fantastico, & fingido, em tudo mente, em tudo engana. Taes são as vaidades do mundo, & quanto nelle ha. Mostra boas apparencias, que póde dar
 bens,

bens, & riquezas, gostos, & prazeres, que haõ de durar; representa que suas cousas tem sempre verdura de annos, & gostos que naõ haõ de faltar; porẽm em tudo mente, & engana; porque todas suas cousas saõ fingidas, & fantasticas, saõ pinturas, & retratos, que mostraõ à vista jardins, & bosques agradaveis, naõ sendo mais que tintas. Quem quizer gozar da companhia de Christo, ponha vaidades debaixo dos pès, como fez Zaqueo, quando para ver a Christo se subio em a figueira douda. Por isso quer Santo Ambrosio, que nesta figueira se significasse a naçaõ Judaica, a qual chea de suas vaidades, & sabedoria vã, naõ soube conhecer, & penetrar a sabedoria de Christo, que os Judeos tinhaõ por ignorancia. O divino Bernardo sobre aquellas palavras dos Cantares: *Ficus protulit grossos suos*, diz que este nome *grossos*, tambem quer dizer couza grosseira. Pois a figueira douda com q̃ fruttos podia vir, senaõ com rudesas, & obras de gente grosseira? E naquelle povo diz elle que naõ houve que naõ fosse grosseiro: *Quid non grossum in gente illa?* Grosseiro em os costumes, grosseiro em as obras, grosseiro em as palavras, & grosseiro em todo seu procedimento. Figueira douda foi esta naçaõ, que sempre tresvaliou em materias de Fé. Pois se Zaqueo que era desta naçaõ douda, quer ver a Christo, & seguir suas pizadas, suba ao Sicomoro, & fique pizaando com os pès as vaidades do seu povo, as rudesas, & ignorancias da sua naçaõ, significada em o mesmo Sicomoro: *Vanitatem Judæorum vestigio suo terens.*

Ambr.

Bernar.

Luc. 19.

Terebinto.

Augmento,

Consideração primeira.

O Terebinto he arvore que atégora se naõ vio nestas partes Occidentaes, por se dar só em as do Oriente, como
na

Plinius.

na Arabia, na Syria, na Macedonia; sendo as que se dão na Syria grandissimas por extremo, & da melhor, & mais preciosa goma, que vem do Oriente. Plinio diz, que o Terebinto dá incenso, & hũa rezina cheirosa, que se chama Terebintia. Dá tambem hum fructo de muy suave cheiro, & de cõr vermelha. A sua madeira he muy presada, & de muito resplendor; della se faziaõ antiguamente obras curiosas, & por isso foi celebre hum Thericles, que ao torno fazia côpos, & outros vasos de Terebinto, que erão estimados por toda a Grecia. A sua flor apparece em cachos, como a de oliveira, & só se differença na cõr purpurea que tem. As folhas nunca lhe cahem, & seus ramos se estendem muito, pelo que he a sua sombra muy agradavel. Nove vezes se faz menção desta arvore em a sagrada Escriitura, como quando no Ecclesiastico a Eterna Sabedoria se compãra ao Terebinto, dizendo:

Eccl. 24.

Ego quasi Terebintus extendi ramos meos, & rami mei honoris, & gratia. Eu como Terebinto estendi os meus ramos, & estes meus ramos são de honra, & graça. Tambem Isaias annunciando prosperidades ao povo Judaico, depois da transmigração de Babylonia, & de muitos açoutes que Deos lhe dava, diz, que se havia este povo de dilatar, & estender como

Isai. 6.

Terebinto: *Erit in ostensione sicut Terebintus.* E assim cõsideradas estas allegações, & palavras da divina Escriitura, quando fala do Terebinto, cõforme a ethimologia do mesmo nome, parece que por elle se significa tudo o que diz augmento, & dilatação, & tudo o que se estende, reparte, & communica a muitos; perque he proprio desta arvore dilatar, & estender mais seus ramos, que outras algũas, dando de si goma aromatica, & cheiroso incenso. Sendo sua sombra deleitosa, & ella a mais bem feita, & fermosa arvore de todas, havendo valles em as divinas letras, que se chamavaõ do Terebinto. Taõ grandes, & fermosos eraõ alguns que havia em certos lugares.

1. Reg.

17.

Consideração segunda.

A Cerca do Terebyntho he celebre aquelle passo do Genesis, quando Jacob caminhando com toda a sua gente, mandou que lhe entregassem os idolos que alguns levavão, os quaes sendolhe entregues, diz a divina Escrittura, que os soterrou ao pé de hum Terebyntho, derretendo-os primeiro, como diz Abulense, para que derretido aquelle licor, minasse ao profundo da terra, & não apparecesse mais metal que servio de tão infame ministerio: *At ille infodit ea subter Terebynthum.* O soterrallos mais ao pé desta arvore que de outra, querem alguns Doutores sagrados que o Terebyntho seja figura da Cruz de Christo, arvore tão fermosa, de tão boa sombra, de tão suave fructo, & de ramos que tanto se estenderão, & dilatarão por toda a terra. Ao pé deste fermoso Terebintho esconde Jacob falsos deoses, porque ao pé da Cruz, & à vista della soterra o bom Christão vaidades, & pompas do mundo, que são idolos que elle mesmo adora. Ao pé da Cruz se sepultão vicios, & peccados, aqui se escondem enganos da vida, aqui se humilhão arrogancias, & altivezas dos homens, aqui se enterrão gostos, riquezas, & affeições, em que muitos idolatráo. A imitação de Jacob ao pé deste Terebyntho da Cruz, arvore tão estendida, & dilatada, houveramos todos de sepultar nossos idolos, pois raros são os que não tenham alguns a que adorão, ainda dos q morão em casa de Jacob, porque se entende a Igreja Catholica, aonde aquelles que ao pé deste Terebyntho devião sepultar falsos deoses, pelo contrario à sombra delle commettem grandes offensas de Deos; pelos quaes se póde entender em mais alto sentido o que Oseas diz daquelles que idolatráo, & offerecião sacrificios aos idolos à sombra do carvalho, do alemo, & Terebyntho: *Quia bona erat umbra illius*, achando que era boa a sombra do Terebyntho não

*Gen. 35.**Abul.**Abul.**Abul.**Abul.**Osee 2.*P

para

para sepultarem, & esconderem vicios ao pé delle, mas para cometerem novas offensas, & deleites. Males q̄ Deos castiga com tanto mayor severidade, quanto mayor he a malicia de quem tão atrevidamente os commette. Disto que fica declarado se entenda, qual seja a significação do Terebyntho; que como não he arvore conhecida nestas partes, nem anda tanto em prattica como as outras, não ha para que nella façamos largas considerações.

Murta.

Dor,

Consideração primeira.

A Murta he planta de que muitas vezes fala a divina Escrittura, dandolhe titulo de arvore fresca, & agradável, como quando Isaias profetizando alegres novas ao seu povo, dizia, que em lugar de ortigas crescerião murteiras em suas terras: *Pro urtica crescet myrtus*. E como quando esse povo de Israel, para fazer tabernaculos em hum dia de festa, sahio ao campo buscar ramos de murta, & de palma: *2. Esd. 8. Frondes myrti, & ramos palmarum*. Dos antigos não foi ella menos celebrada, assim por sua verdura, como suavidade de flor. De maneira que nas partes do Oriente he seu fructo de excellente sabor, em especial as que se dão junto ao mar, que he o proprio dellas em aquellas regiões. Foi esta planta consagrada a Venus, porque quando Juno, Pallas, & Venus, vierão ter com Pâris sobre a contenda de quem lhe parecia mais fermosa, deu elle a sentença por Venus, & lhe poz na cabeça hũa grinalda de murta, donde vem o pintarse Venus com hum ramo de murta, que lhe cerca a cabeça; & à sua imitação se coroou seu filho Eneas de murta em hũas festas aonde se achou. E por isto diz Nicandro Author Grego, que Juno, & Pallas ficãrão dalli por diante aborrecendo a murta.

Não

Não contém pouca difficuldade descobrir a razão, porque a murta significa dor, visto que as ha muy efficazes, para significar o contrario, que he prazer, & contentamento. E faz por isto, que quando os Antigos em seus convites estavam mais contentes, hião passando de mão em mão hum ramo de murta, em sinal de alegria; do que Plutarco faz menção, & Horacio em muitas partes que trata de convites, & da frescura do Verão, exhorta a que todos fação capellas de murta, que ponhão em a cabeça, em sinal de prazer. Tambem he notorio entre Authores Latinos, q̄ pela murta se significa o gosto, o mimo, & a natural inclinação do appetite, que he outra razão de esta planta ser dedicada a Venus, como deosa mimosa, & mais dada a gostos, que todas as outras, sendo esta planta de materia mais tenra, & delicada, que a das outras arvores, & a sua flor muy suave. Donde não carecia de singular doutrina a fabula que finge a Fauno solicitando a Hecates, a quem não podendo vencer com instancias de cada dia, tocou por fim com hum ramo de murta, que foi o mesmo q̄ tentalla com lascivo, & libidinoso desejo, o que tambem não moveo seu constante animo. No que se dava a entender, que a natureza humana significada em Hecates, he muy solicitada do sensual appetite, significado em Fauno, que de contino a toca com murta, que são lascivos cuidados, & torpes imaginações. E então chega Fauno a vencer, & se converte em cobra, como fez a Hecates, quando com enleyos, & embaraços, que busca, engana como serpente, & mata como inimigo. Mas porque não tiremos à murta a vulgar significação que tem de dor, he de saber. Que ha hũa especie de murteiras, que tem as folhas passadas de parte a parte, como feridas penetrantes. E como esta arvore seja dedicada à mãy do Amor, os feridos delle de contino se queixão, que tem os corações passados com settas, & daqui se tomou argumento, para se attribuir à murta o significado de dor, o qual devia ter de tempo antigo, pois o Principe dos Poetas, pintando

Plutar.
Horat.

Ovid.

Virgil.

o sitio do inferno, diz que a huma parte delle ficão os prifoneiros do amor, muy tristes, & melancolicos, em humas escuras encruzilhadas, que rodeão matas de murtas, como dando a entender que gente que padece tanta dor, acompanhão arvores significadoras da mesma dor: *Quos myrtea circum sylva tegit*. Os Gregos tambem pela murta entendião coufas tristes, & dolorofas; pelo que em algumas solennidades funebres se coroavão de murta, em final da dor, & tristeza que sentião. Por isto quando na Cidade de Thebas se ajuntavão a celebrar as festas de Jolas, que adoravão por deos, aquelles que junto à sua sepultura se avantejavão em algũa habilidade de correr mais, ou pelear melhor, erão coroados de murta.

Gregor.

S. Gregorio Papa quer que pela murta se entenda a compayxão, & piedade, pela particular virtude que tem temperativa de mollificar, & abrandar; & assim interpretado aquelle lugar de Isaias, aonde Deos diz, que porã no deserto a murta, entende elle por esta planta a virtude da compayxão, a qual quer Deos que haja em a sua Igreja, que era deserto, quando era povo Gentilico. Nella quer que sejão todos caritativos, & tenham entranhas de piedade, para se compadecerem das miserias do proximo, & para os consolarem em suas afflicções. E se quem se compadece da dor alhea, igualmente a sente como se fora sua, sempre fica bẽ significar a murta dor, pois dor he a compayxão que se doe dos males alheyos.

Isai. 41.

Consideração segunda.

August.

A Dor chama Santo Augustinho mal grandissimo, porque não ha mayor mal, que aquelle que causa a morte, ou doenças gravissimas, como a dor muitas vezes causa, & pelo menos diz S. Chrystomo, que a dor sobeja causa doudice: *Dolor immedicus adducit insaniam*. Assim o vemos por experiencia, que muitos com a dor excessiva que padecem,

Chryf.

perdem

perdem o juizo, & daõ em furiofos. A definição da dor, conforme Santo Augustinho, he ser hum sentido impaciente de algum successo, divisaõ, ou corrupção. Seneca chama à dor cousa dura: *Dura res est dolor*. Mas o homem he fraco, pois a não pôde sofrer com paciencia. Porque se a dor he leve, sofra-se, & ferà leve o sofrimento. Se a dor he pesada, sofra-se, & não ferà pequena a gloria da paciencia. Quem a não sofre, infama a natureza, porque ella nos fez fortes contra os combates da dor, & nós não lhe sabemos resistir. Diz Cicero que na guerra ha soldados que cõ fraqueza fogem, & viraõ as costas ao inimigo, morrendo de puro medo, & outros que com animo resistem, & ficaõ vencedores. Assim ha homens pusillanimes, que se não atrevem a sofrer o semblante da dor, & por isso cahem muitas vezes, ou morrem desacorçoados: *Qui autem resistunt, fiunt sapissime superiores*. Mas aquelles q̄ resistem à dor, sahem vencedores, & livraõse de muitos males.

August.
Seneca.

August.
Cicero.

A dor ainda que seja do corpo, sempre pertence à alma, q̄ esta he a que se queixa, & a sente muito mais. Tem a dor certas amigas, que já mais deixão de a acompanhar. Estas são as lagrymas, que nunca faltaõ a onde ha dores: *Dolor habet lacrymas, ut arbor fructus*, diz Plutarco, taõ proprio he ter a dor lagrymas, como a arvore fruttos. Cresce a dor com muitas cousas, mas nada a accrescenta mais que a vista dos olhos. A onde quer que hũa pessoa se ache, pôde sentir algũa dor do que lhe dizem, ou imagina de mal; porèm isto que he ver cõ os olhos a causa de sua dor, he mal incomparavel: *Oculi au- gent dolorem, quia ea, quæ cæteri audiunt, intueri coguntur*. Os olhos accrescentaõ a dor do que se padece; porque são constringidos a ver o que os outros ouvem, & não podem apartar a imaginação do mal que vem. E assim he mais toleravel ouvir males, que vellos com os olhos. E os olhos do entendimento mais facilmente são levados àquillo que se vê, do que às cousas que se ouvem. Ninguem ha que escape de pa-

August.

Plutar.

Cicero.

Eurip.

decer dor: *Mortalium nemò est, quem non attingat dolor.*

Cicero

Dizia Euripides: Dos mortaes nenhum ha, que não participe de dor, mas esta hum bem tem, que he ser remediavel, & para se pôr em cura, tem hum medico muy experimentado, que he o tempo. Este he só o que tira, ou diminue a dor: *Dolori tempus medetur*, diz Augustinho. O tempo a meinha qual-

August.

quer dor, as horas a vaõ diminuindo, & os dias reduzindo a a menos. Não ha dor, que a distancia do tempo não diminua, & abrande. He verdade que para a dor não atormentar tanto, he meinha vagarosa a distancia do tempo, porèm a proveita, & he grande remedio pôr dias, & noites de por meyo.

Cicero

- *Ille quoniam non est in se, sed in re, non est in se, sed in re.*- *Ille quoniam non est in se, sed in re, non est in se, sed in re.*- *Ille quoniam non est in se, sed in re, non est in se, sed in re.*

Gregor.

HE a dor confa que em toda a parte se acha, & fóra de

Cicero

Deos não acharemos senão dores. Na vida entaõ he a

August.

dor louvavel, quando a acompanha a penitencia, sem a qual

August.

não he esta proveitosa. A dor que os Justos padecem nesta vi-

August.

da por qualquer tanto respeito que seja, será galardoadada com

August.

eterno prazer; & assim quando as padecem, já tem recreação

August.

em a lembrança do premio, que hão de ter apoz seu largo so-

August.

frimento. Porisso dizia David: *Secundùm multitudinem*

August.

dolorum meorum in corde meo consolationes tuæ lætifica-

August.

verunt animam meam. Graças vos dou, meu Deos, que se as

August.

dores que padeço, são muitas, muitas são as consolações de

August.

meu coração, vendo que as vossas promessas são certas, &

August.

não póde faltar prazer a minha dor, nem premio a meu tra-

August.

balho, segundo a multidaõ de minhas dores, são as consola-

August.

ções, com que alegrais meu espirito. Aquelles que por bens

August.

eternos receaõ padecer males, & a troco de transitorias dores

August.

deixaõ prazer perduravel, não merecem nome de bons, co-

August.

mo diz S. Gregorio: *Qui pro æternis bonis mala hic perpe-*

August.

ti metuunt, recti non sunt. Antes os malignos são aquelles q̄

August.

semeaõ dores, & as colhem, entaõ as semeaõ quando com-

August.

mettem

August.

mettem

mettem males, & entaõ as colhem, quando saõ castigados pelos delittos que commettem, porque cada hum colhe segundo semea: *Quæ seminaverit homo, hæc & metet.* Quem dores semea, dores recolhe. *Galat. 6.*

As dores tem hum bem, que quando saõ muitas, levaõ hũa alma ao amor de Deos, & desejo de cousas celestiaes, & só nisto contentaõ, que fazem naõ contentar nenhũa cousa da vida; assim o diz o mesmo S. Gregorio: *Dolores in hoc mihi vehementer placent, quia placere in hoc mundo aliquid non permittunt.* Nisto me agradaõ muito as dores, que naõ permitem agradarme cousa algũa do mundo. A dor naõ tem outro remedio, senaõ a consolaçaõ, a qual para ser de proveito, aconselha o mesmo Santo, que se deve conformar com a dor, porque de outro modo mal póde ninguem consolar a quem se doe, se naõ concorda com sua magoa, & se com brandura naõ alivia a chaga de quem se doe. Ha mister para consolar o afflicto, sentir igual afflicçaõ, como os amigos de Job, que quando viraõ que sua dor era vehemente, querendo-o consolar, chegando à sua vista, rasgãraõ os vestidos, & lançando sobre as cabeças pò, se prostrãraõ por terra, & estiveraõ sem falar sette dias, & noites, para que Job visse o sentimento que tinhaõ de seus males, & admittisse melhor as consolações do mal alheyo. *Gregor.*

Seneca diz, que he cousa escusada ter hũa pessoa dor daquillo que com dor se naõ remedeia. Para esta se por de parte, aponta elle duas condições, que se haõ de lançar fóra: *Futuri timor, & veteris incommodi memoria.* Receyo do que póde succeder, & lembrança de perdas passadas, porque estas já nos naõ pertencem, porque passãraõ, & aquelle ainda nos naõ toca, porque naõ chegou. E póstos nestas difficuldades digamos: *For san & hæc olim meminisse juvabit.* De sorte, que lembranças de males passados antes devem recrear ao diante, que entristecer. Quem peleja contra a dor, vencerà esta dor, quem lhe der entrada, serà vencido della. Pelo contra-

rio fazem muitos, que chamaõ a si os males, a que houveraõ de resistir. A dor acomete sempre para matar, & destruir. Naõ havendo quem lhe faça resistencia, alcaça ella seu fim, como inimigo que vai ferindo ao que lhe foge, & naõ se lhe atreve a resistir.

Pinheiro.

Morte.

*Consideração primeira.**Isai. 44.*

Duas vezes he o Pinheiro referido na sagrada Escriitura pelo Profeta Isaias; delle diz Santo Ambrosio, que he imagem da natureza humana, arvore que do principio do mundo foi sempre nascendo, & conservando se de propria semente. O abrirem se suas pinhas ao fogo, & a mesma pinha imitar a chamma de fogo, tem segredo. Foi antiguamente consagrado a Cybelles mãy de todas as cousas; porque como o Pinheiro era imagem da natureza, foi bem que se dedicasse à mãy da mesma natureza. A sua significação he da mais triste, & terribel cousa, que na vida ha, pois he a morte inimiga sua. A razão he manifesta, porque o Pinheiro cortado hũa vez naõ cresce, nem reverdece mais; pára, & deixa de ter vida; o que naõ succede às outras arvores, que cortadas naõ seccaõ, mas tornaõ a lançar ramos, & troncos, & crescem em igual altura que de antes, como a oliveira, a lorangeira, o alemo, os salgueiros, & quasi todas as mais arvores; & havendo quem diga que tambem o cipreste cortado hũa vez, naõ torna a reverdecer, & que por isso póde ser figura da morte, a isto se diz, que commummente os ciprestes cortados seccaõ logo; porèm já se viraõ alguns, que sendo cortados, tornaõ a crescer, & na Ilha de Candia assim se tem por experiencia, o que nunca se vio, nem ouvio dizer do Pinheiro. Pelo que assim como o Pinheiro cortado naõ reverdece, o homẽ hũa

hũa vez morto, & apartado dos viventes, não torna a viver, alli fenece, & acaba, alli perecem todas suas imaginações. Assim compára Job o homem à arvore, que sendo hũa vez cortada, não torna mais a ter vigor. E de semelhantes exemplos està chea a sagrada Escrittura, que mostraõ a impossibilidade do homem, para tornar da morte à vida.

*Ps. 145.
Iob 14.*

Nas partes de Hetruria diz Pierio, que em todas as campas, & pedras de sepulturas estaõ abertos Pinheiros, o que attribue à significação de morte, que esta arvore tem, & naquellas pedras està mostrando que a morte depositou debaixo dellas aquelles corpos defuntos, que como Pinheiros cortados não haõ de tornar a renascer, senaõ quando por divina virtude houverem de ser refuscitados. Bem claro he significar o Pinheiro morte, no que succedeo a El-Rey Cresso, como conta Herodoto, que estando apaixonado contra os Lampfacenos, os mandou ameaçar, que os havia de dessepar como a Pinheiros, dando a entender, que para sempre os havia de extinguir, sem ficar memoria delles.

Pierius.

Herod.

Consideração segunda.

A Morte he o fim de todas as cousas, & a mais terribel dellas, produzida da raiz do peccado, semeada pela serpente, nascida da culpa do homem, temida de todos os viventes, mais cruel que todos os tormentos, & mais forte que todo o poder do mundo. Para mostrar este se pintou sempre com arco, & settas, fazendo tiros tanto ao longe, como ao perto, sem ninguem lhe fugir. Os Egypcios pintaraõ a morte em huns olhos cerrados; porque assim como no homem o coração he a primeira cousa que vive, os olhos saõ os que primeiro morrem, & donde a alma primeiro se despede. E porque Galeno chamou aos olhos divinos, por serem a melhor prenda da vida, do entendimento, & da alegria temporal, morrendo elles, morre a melhor cousa, que o homem possui, que

August.

Pierius.

Galeno.

Aristot.

que como diz Aristoteles, amamos aos olhos mais que a todos os outros sentidos.

Tambem os antigos quizerão significar a morte em a coruja ave triste, nocturna, & aborrecida de todas as aves. A razão he, que como a gralha seja figura da vida, a coruja lhe quer tanto mal, que de noite a anda buscando com odio natural, para a matar, & extinguir sua geração em os filhos. No que se representa a morte, que anda por matar a vida, & lhe té odio mortal. Outra razão ha, que a morte vem como ladraão de noite, & algũas vezes pela noite se entende a morte, como aquillo do Poeta.

In aeternam clauduntur lumina noctem.

Mat. 25.

Assim como pelo dia se entende na divina Escriitura a vida; a coruja em Latim tomou o nome de *Noctua*, que quer dizer ave nocturna, que de noite tem seu dominio. Tal he a morte, noite de trevas, & escura sombra de confusões, de noite vem, & à meya noite dà seus rebates, como o Salvador do mundo o deu a entender, para nos lembrar, que pois a morte he ladraão que vem de noite, vigiemos a sua chegada. Acerca desta triste ave significar morte, faz o que succedeo a Pyrrho Rey dos Epirotas, que vindo para cercar a Cidade de Argos, teve por agouro de sua morte, virselhe hũa coruja pòr sobre a lança, que trazia pelo caminho, & não passáráo muitos dias que elle não morresse junto aos muros da Cidade, q̄ tinha em cerco, de hũa pedrada que de cima lhe atirou huma molher. Acompanha-se a morte de amargura, & nas divinas letras o mesmo he morte, que amargura, como se vê nas palavras, que disserão os filhos dos Profetas a Eliseu, quando sentiraão o amargor de hũas hervas, que haviaão de comer?

4. Reg. 4.

Mors in olla vir Dei, como se disserão, estas hervas amargão como a mesma morte. Tambem a morte se chama solitaria, porque na hora em que vem, tudo he summo desamparo. Hia Isaac para haver de ser sacrificado, & até o pé do móte o acompanhavaão criados, com que podia aliviar o caminho;

Gen. 22.

inho; porèm já posto no alto do monte, não vio apar de si mais que a venda, para lhe cobrirem os olhos, cutello para sua garganta, lenha para o fogo, & fogo para o sacrificio. Estampa da hora da morte, aonde até entãõ na vida vos acompanhãõ parentes, criados, & amigos; porèm naquelle artigo, que a alma està para sair, não vedes apar de vòs, senãõ espada da Divina Justiça, que vos faz tremer, & fogo do inferno, q̃ vos ameaça, & muita lenha para elle, de muitos peccados, q̃ commettestes, & até alli levastes às costas. Não ha quem naquelle tempo vos valha, senãõ vossas obras, se foraõ boas: *Ipsi iustitiã sua liberabunt animas suas*, diz Ezequiel. Os que morrem conforme seu procedimẽto livraraõ suas almas, que outrem ninguem os ha de livrar. E no demais bem tem naquella hora que entender comfigo quem quer que morre: *Anima illius super semetipso dolebit*, diz Job: Quem està no artigo da morte, bem tem que entender comfigo, & com as dores, & agonias que padece. Não se lembra entãõ a pessoa mais que de seu aperto, & afflicçaõ.

Ezech.

14.

Iob 14.

Este caminho fazemos todos com Isaac ao monte, aonde havemos de fenecer: *Metam properamus ad unam*. Todos caminhamos depressa por chegar a hũa balisa; & se alguem cuida que não ha là de chegar, engana-se. Diz Seneca: *Tu autem non putabas te aliquando perventurum ad id, ad quod semper ibas*. Cuidaveis vòs que não havieis algũa hora de chegar ao lugar, para onde sempre caminhaveis: *Nullum sine exitu iter est*. Não ha caminho que não vã dar em alguma parte, & não tenha seu fim: *Malè vivunt, qui se semper vituros putant*. Aquelles que sempre cuidãõ que hãõ de viver, vivem mal, & morrem com queixas. Poucos saõ os que se contentãõ cõ o q̃ tem andado da vida. Ninguem ha q̃ diga:

Seneca;

Vixi, & quem dederat cursum natura, peregi.

Sinal de grande ingratiãõ, não nos contentarmos com a vida passada, quando os momentos da presente saõ continuadas merces do Ceo.

Con

Consideração terceira.

Apoc. 6.

O Evangelista S. João vio a morte posta a cavallo: *Ecce equus pallidus; & qui sedebat super eum; nomen illi mors.* Figura notavel, & a rafaõ he; porque a morte no principio do mundo era manca, & andava muito devagar. Primeiro que chegasse a casa de alguẽm, passavaõ se quasi mil annos, que a gente entãõ vivia. Seguiu-se o Diluvio universal, & nas agoas delle parece que tomou a morte forças, deixou as moletas, & sahio dellas tãõ robusta, que andando a pé, & a correr, deu dahi por diante os rebates mais apressados, & comecãõ as vidas a ser mais curtas; porque chegava a morte mais depressa. Porẽm no tempo de S. Joãõ poz-se a morte a cavallo para correr muito mais depressa, & acodir a infinitas partes; que jã hoje a morte nãõ espera para dar rebate em a velhice, a moços, & a meninos dà de continuo, & tãtos leva de huns, como de outros, abreviando a todos a vida. Com tudo Santo Ambrosio em hum livro que faz de Bono mortis, considera muitos bens que a morte tem, & tras consigo. Assim nãõ quer elle que a morte se chame terribel, mas terribel a opiniãõ, que cada hum tem della, segundo estãõ afieçoado: *Non mors ipsa terribilis est, sed opinio de morte, quam quisque pro suo interpretatur affectu.* Porque cada hum tem medo della, confõrme tem a consciencia, & nãõ a teme quem na vida nãõ commette cousa que se haja de temer. A morte, diz este Santo, he divisaõ, & apartamento da alma, & do corpo; absolve-se a alma, & resolve-se o corpo, a que se absolve, fica desembaraçada, & o que se resolve em terra, fica nãõ sentindo nada; & assim tem os nescios a morte pelo mayor mal de todos, & os prudentes pelo mayor bem, & descanço da vida. Quereis saber, diz S. Chrysoftomo, que cousa seja a morte? Pois adverti, que nãõ he mais que hum suave sono, hum fofegado apartamento, hũa trasladação pacifica,

Ambr.

Chrysoft.

cífica, hum seguro porto, hum descanso quieto, húa izençaõ de molestias, & perpetua absolução de cuidados. Nenhuma cousa tem pesada, em nada nos cança, a correr nos leva à terra da verdadeira quietação. A morte ainda que parece terrível, tem muy boas condições, porque primeiramente dà carta de alforria ao escravo, & o faz tão bom como ao amo:

Aequat omnes cinis, impares nascimur, pares morimur, Seneca.

diz Seneca: A todos iguala a morte, desiguaes nascemos, & todos morremos iguaes. Por esta alforria suspirava o Apóstolo S. Paulo, quando dizia: *Ipsi intrans nos gemimus, expectantes redemptionem corporis nostri.* De continuo estou suspirando, & gemendo dentro em mim, esperando pela redempção deste meu corpo, como cattivo por seu resgate, & como o encarcerado por livramento; & bem confirmava este desejo, quando com tantas ansias outras vezes se chamava

Rom. 8.

desditoso, pois se não via livre do carcere desta vida: *Infe-*

Rom. 7.

lim homo ego, quis me liberabit de corpore mortis hujus? Desejava ser livre do corpo desta morte, chamando à vida

morte, porque a vida não tem de vida mais que o nome. A morte chama-se livre: *Libera mors*, porque livra aos presos, & solta aos miseraveis. He a morte descanso de gente af-

licta, & desconfolada: *Ibi requieverunt quondam vincti pariter sine molestia*, diz Job: Em a morte achão descanso os presos, os tristes, & necessitados, tendo fim suas molestias.

Job 3.

He a morte hum sossegado remanso aonde aquietão os perseguidos, & atribulados de sorte, que se póde chamar rainha,

& protectora de gente pobre, & miseravel. Que assim como a David no deserto se ajuntavão os que tinhamo dividas, & se

vião apertados com afflicções, & molestias, & elle se fez capitão de todos: *Factus est eorum Princeps.* Assim se fez

I. Reg.

a morte princeza, & rainha dos que se vem em amarguras, & necessidades, & ella a todos he refugio, & consolação:

22.

Ibi requieverunt quondam vincti. Assim se entende aquillo do Ecclesiastico, que melhor he a morte, que a vida

Eccl. 3.

amar.

amargosa; porque com a morte cessão todas as amarguras; & tem principio o descanso.

Consideração quarta.

A Morte he Medico de doenças incuraveis; porque o remedio que Medicos não podem dar com muitas visitas, q̄ fazê a casa do doente, dà ella com a primeira que faz; donde dizia o outro, que na medicina não achava remedio a seus males: *O mors Pæan medicus accede*, chegai morte, q̄ fois o mais excellente Medico, & o melhor Apollo que o mundo tem, para curar males que não tem cura; porque chegando vòs à vista do doente, cessão elles, & tem o enfermo o remedio. Bem desejava Seneca tomar resolução com ella, & com seus males, quando dizia: *Non potest istud toto sæculo fieri, aut ego febrem relinquam, aut ipsa me*. Não ha de ser assim, que sempre eu hey de lidar com achaques, & doenças; ou esta febre me ha de deixar, ou eu a ella; & se esta porfia ha de durar, venha a morte, que ella he porto de sossego para gente atribulada: *O mors Pæan medicus accede*.

Excelente ditto he o de Cicero acerca da morte, que só parecia terribel àquelles, com cuja vida acabavão todas as cousas, & não àquelles cujo louvor não podia fenecer: *Mors terribilis est iis, quorum cum vitæ omnia extinguuntur, non quorum laus emori non potest*. Não pareceo ella terribel a Socrates, o qual vendo-se sentenciado à morte, disse com rosto alegre, que tinha esperança de tudo lhe succeder bem, pois lhe denunciavão a morte, aonde havia de achar descanso; & assim se apressou para a haver de passar, dizendo: *Tempus est jam hinc abire me, ut moriar*. E foi tão invejada a alegria, com que este Filosofo morreo, que sendo Euclides outro Filosofo, perguntado: se tomara antes ser Cresso, que Socrates? respondeo: que na vida tomara ser Cresso, na morte Socrates, julgando que a morte dos Filofofos se podia de-

sejar

Seneca.

Parad. 2

Plutar.

Stobæus